



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM DESIGN – MODA

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**O PAPEL IDENTITÁRIO DA ROUPA PARA O EMPODERAMENTO DAS
PARTICIPANTES DA MARCHA DAS VADIAS EM RECIFE- PE**

FORTALEZA

2017

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**O PAPEL IDENTITÁRIO DA ROUPA PARA O EMPODERAMENTO DAS
PARTICIPANTES DA MARCHA DAS VÁDIAS EM RECIFE- PE**

Monografia para o trabalho de conclusão de curso, em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de graduado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Francisca Raimunda Nogueira Mendes

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T228p

Tavares, Anna Odara de Araujo.

O papel identitário da roupa para o empoderamento das participantes da Marcha das Vadias em Recife-PE / Anna Odara de Araujo Tavares. – 2017.

58 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Francisca R. N. Mendes.

1. Marcha das Vadias. 2. Roupa. 3. Empoderamento. I. Título.

CDD 391

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**O PAPEL IDENTITÁRIO DA ROUPA PARA O EMPODERAMENTO DAS
PARTICIPANTES DA MARCHA DAS VADIAS EM RECIFE- PE**

Monografia para o trabalho de conclusão de curso, em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de graduado.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª Maria Dolores de Brito Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À todas as mulheres fortes que lutaram para
que hoje eu estivesse aqui.

AGRADECIMENTO

A Deus, por me conceder a força que me permite estar aqui, pelos anjos que coloca no meu caminho e por sempre mostrar que a vida vale a pena ser vivida.

À minha mãe, por ser meu exemplo de mulher forte, apoio incondicional, fortaleza, colo amigo. Por me ensinar sobre companheirismo e amor, à Jaileila Araujo.

Ao meu pai, por sempre acreditar no meu potencial e instigar em mim a vontade de lutar por um mundo melhor. Pela compreensão e pelo carinho, a Jean Maccolle.

À minha avó, presença iluminada aqui na terra, luz da nossa família. Por alegrar meu caminho, pela dedicação e pelo incentivo, à Maria Imaculada.

À minha amiga-irmã, por a gente ter se encontrado nessa vida, por tudo o que nossa amizade representa e por estar do meu lado, à Thais Cavalcanti.

À professora, orientadora, tutora e amiga, por ser minha guia e acreditar em mim. Por me ensinar sobre cuidado e sobre a vida, à Francisca Mendes.

Aos meus amigos, por compartilhar as angústias e os sorrisos comigo, por serem meu apoio, alegrarem meus dias e serem peça fundamental na realização dos meus sonhos.

Ao PET, por ter me acolhido na graduação, por proporcionar meu enriquecimento pessoal, ser fundamental no meu amadurecimento e peça chave para a minha formação.

Às professoras Emanuelle Kelly e Dolores Mota, pela disponibilidade e contribuições para o enriquecimento do trabalho.

Às entrevistadas, pela contribuição no trabalho e por disponibilizarem do seu tempo para que o mesmo atingisse seu objetivo.

“O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. [...] Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero - útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas -, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status” (CRANE, 2006).

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade entender de que forma as participantes da Marcha das Vadias se apropriam da roupa como objeto identitário e de empoderamento. Para tanto, o estudo aborda o papel social da mulher ocidental ao longo dos anos, fazendo um apanhado histórico sobre ele, relacionando a vestimenta nesse processo. É explanado também sobre a forma como a roupa se configura em um instrumento capaz de expressar a identidade dos indivíduos, aliada ao consumo e identidade. Além disso, é investigada a relação da Marcha das Vadias com o feminismo e empoderamento feminino, analisando, especificamente, a Marcha das Vadias de Recife em 2017. Como metodologia foram usadas pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevista semiestruturada a partir de amostragem por conveniência na Marcha de Recife em 2017. Dessa forma foi possível concluir que as mulheres participantes dessa Marcha, assim como outras mulheres, se apropriam cotidianamente da roupa como uma ferramenta de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Marcha das Vadias. Roupa. Empoderamento.

ABSTRACT

This paper intends to understand in what way the participants of the SlutWalk take to clothing as an empowerment and identity object. For this purpose, the research approaches the social role of the occidental woman over the years, building a short historical description and relating the garment during this process. It is also reported on the way clothing constitutes itself as an instrument capable of expressing individuals identity, allied to consumption and identity. Furthermore, the relation of the SlutWalk with feminism and empowerment is investigated, analyzing, specifically, the SlutWalk at Recife on the year of 2017. The methodology was based on bibliographic and documental research, participant observation and semi-structured interview from convenience sampling at the Walk of Recife on 2017. Based on that, it was possible to conclude that the participants of this Walk, as well as other women, daily appropriate themselves of clothing as a tool of female empowerment.

Keywords: SlutWalk. Clothing. Empowerment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	<i>Peplo</i> feminino usado na Grécia.....	20
Figura 2-	Vestimenta da Mulher na França do século XV	21
Figura 3-	Casal representando a vestimenta do século XIX	23
Figura 4-	Silhueta feminina na Belle Époque.....	24
Figura 5-	Vestimenta feminina dos anos de 1920.....	25
Figura 6-	Exemplo de vestimenta feminina dos anos de 1960.....	27
Figura 7-	Capa da revista Nova, veiculada em 1987.....	28
Figura 8-	Capa da revista Shape	29
Figura 9-	Mulher sem camisa na Marcha das Vadias - Recife 2017.....	38
Figura 10-	Exemplo de categorização da mulher através do tamanho da roupa.....	39
Figura 11-	Mulheres contra a ideia de que a roupa é gatilho para violência.....	40
Figura 12-	Mulher na Marcha das Vadias contra a objetificação do corpo feminino.....	40
Figura 13-	Cartaz colado durante a Marcha das Vadias de Recife 2017.....	41
Figura 14-	Cartazes sendo confeccionados na Marcha das Vadias de Recife 2017..	45
Figura 15-	Ato-protesto na Marcha das Vadias de Recife 2017.....	46
Figura 16-	Mulheres lendo carta-protesto	46
Figura 17-	Mulheres carregando cartazes na Marcha das Vadias de Recife 2017....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	15
2.1	Tipo de pesquisa.....	15
2.2	Área de abrangência.....	18
2.3	Plano de coleta de dados.....	18
2.4	Categorias analíticas.....	19
3	O PAPEL SOCIAL DA MULHER OCIDENTAL E SUA VESTIMENTA.....	20
4	A ROUPA COMO EXPRESSÃO SOCIAL DE IDENTIDADE.....	31
5	FEMINISMO, MARCHA DAS VADIAS E EMPODERAMENTO FEMININO.....	36
6	MARCHA DAS VADIAS DE RECIFE: ROUPA, CORPO E EXPRESSÃO IDENTITÁRIA.....	45
7	CONCLUSÃO.....	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE	56

1 INTRODUÇÃO

No início da civilização ocidental, o papel social feminino se constituiu como doméstico e o masculino se apropriou do restante. Ela era a figura caseira, enquanto o homem era a figura pública. A distinção entre os gêneros, bem como a binaridade homem-mulher, segundo Louro (1997), garantiu que essa estrutura se mantivesse e se afirmasse como única vigente, estando diretamente ligada a relação de domínio do homem em relação à mulher.

Visando lutar contra o machismo, ou soberania masculina em relação às mulheres¹, surgiu a Marcha das Vadias. A Marcha é um movimento que começou após a declaração de um segurança do campus da Universidade de York, em Toronto, Canadá, no ano de 2011. Essa declaração associava a culpa do assédio às próprias vítimas pela forma a qual elas se vestiam, utilizando a lógica de que se elas não se vestissem como “vadias”, não seriam assediadas. A reação à declaração veio logo após, onde as mulheres se afirmaram vadias, se isso significa que elas podem ser livres.² Essa manifestação deu luz à Marcha, e a roupa, sendo um dos principais objetos de consumo capazes de expressar identidade, funciona como marcador social para empoderamento nesse contexto.

O empoderamento feminino é o que move a Marcha das Vadias. Segundo Sardenberg (2006) o termo visa dar às mulheres autonomia para ressignificarem seu lugar na sociedade e nas relações de poder com os homens. Este significado advém do feminismo, movimento que nasceu com o objetivo de dar visibilidade social à mulher.

Em Recife, a Marcha já teve sete edições, sendo a primeira em junho de 2011, que contou com a participação de aproximadamente duzentas pessoas e saiu da praça do Derby caminhando pela Avenida Conde da Boa Vista. Com o propósito de dizer não ao machismo, as participantes utilizaram roupas consideradas “provocantes”, pintura no corpo e cartazes com dizeres “não sou um pedaço de carne” e “abaixo a cultura do estupro” como forma de protesto³.

O consumo nas sociedades atuais se configura como importante ferramenta de expressão identitária. Para Barbosa e Campbell (2006), os bens e serviços são capazes de suprir necessidades dos indivíduos e mediar relações sociais, construindo identidade e

¹ Informações retiradas do site <<http://feminicidionobrasil.com.br/#introducao>> no dia 21 de junho de 2017.

² Informações retiradas do site <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>> no dia 2 de julho de 2016.

³ Informações retiradas do site <http://noticias.uol.com.br/album/110611_marcha_das_vadias_recife_album.htm#fotoNav=11> no dia 7 de setembro de 2016

conferindo status. Consequentemente, a roupa, que está inserida no sistema de consumo, também é responsável por essas construções. Conceituada em Hall (2005), a identidade se constitui através da interação do “eu” com a sociedade, estando esta em constante mudança. Dessa forma, a roupa na Marcha se estabelece como objeto de luta e identidade.

Para Bauman (2005), na modernidade existem milhares de identidades que podem ser escolhidas e ainda as que não foram inventadas. Essa fluidez e liberdade concedidas aos indivíduos permitem questionamentos e indagações que fomentam algumas discussões, como sobre feminismo e gênero. Louro (1997) fundamenta que o conceito de gênero surge a partir das feministas anglo-saxãs, atribuindo um caráter social ao termo, se distanciando do determinismo biológico.

O aumento gradativo das discussões sobre feminismo e gênero se dá, segundo Louro (1997) porque o conceito de gênero está atrelado à história e esta não é fixa. Crane (2006) também complementa que essas discussões ganharam mais embasamento no fim do século XX, a partir da ideia de Foucault que as noções fixas de gênero são produto de discursos médicos e psiquiátricos. A roupa, sendo uma das formas mais acessíveis de consumo e fator participante das construções sociais, se configura como objeto mais visível dessas mudanças sofridas no fim do século. Para Crane (2006) a adoção de determinados estilos de vestir é uma forma de comunicar ou subverter fronteiras simbólicas, como a exemplo do gênero, fundamentado em Butler (1990), que o mesmo não é algo inerente ao masculino ou feminino.

Como para Crane (2006) a roupa é o principal objeto de expressão de identidade, se buscou questionar quais formas de opressão incidiram na construção social das mulheres ocidentais e de que forma a roupa se constitui como objeto opressivo para as frequentadoras da Marcha das Vadias de Recife; qual o papel da roupa na construção identitária da participante da Marcha e de que forma o empoderamento feminino pode se expressar através da vestimenta destas.

A partir dessas problemáticas, se propõe como objetivo geral compreender o papel da roupa na expressão identitária para o empoderamento das mulheres participantes da Marcha das Vadias. Escolheu-se observar a Marcha de Recife, em Pernambuco, por esta manter o protesto anualmente, com um coletivo ativo, de forma concreta e organizada.

Como objetivos específicos pretende-se localizar eventos históricos pertinentes ao surgimento da Marcha das Vadias e para o movimento feminista, que informem sobre a submissão feminina ao longo dos anos e como a roupa expressa isso. Propõe-se também entender de que forma a roupa participa do processo de construção identitária das participantes da Marcha das Vadias e observar se a vestimenta expressa empoderamento para

essas mulheres.

Este trabalho admite a roupa também como elemento político. Questionando a binaridade homem/mulher, a vestimenta desafia os códigos de submissão feminina e a utiliza como afirmação identitária e estratégia de empoderamento. Dessa forma, expõe-se a relevância interdisciplinar da pesquisa, interligando as ciências sociais à moda, bem como a relevância política, para importante conscientização e quebra de padrões patriarcais vigentes na sociedade. Pensar a roupa em um cenário marcado por lutas identitárias é usá-la como forma de afirmação e resistência aos códigos de gênero heteronormativos.

De maneira pessoal, o interesse pela pesquisa surgiu a partir vivência da própria pesquisadora em relação aos estudos sobre gênero, uma vez que se trata de uma temática bastante estudada por pessoas próximas à mesma. Em contato com o tema desde cedo, o interesse pelo feminismo acentuou-se durante os anos. Sendo também assunto muito difundido a partir das mídias sociais, tornou-se bandeira de luta pela igualdade de gênero e liberdade feminina.

A metodologia utilizada no presente trabalho é de base bibliográfica, combinando análise documental, observação participante e realização de entrevista semiestruturada com as participantes da Marcha das Vadias que aconteceu em Recife, no dia vinte e sete de maio de 2017.

Este trabalho possui sete capítulos, sendo o primeiro a Introdução e o segundo a Metodologia. O terceiro capítulo é denominado O papel social da mulher ocidental e sua vestimenta. Nele serão explorados eventos que demonstram a repressão social à qual as mulheres foram submetidas no decorrer dos anos e como a vestimenta participa desse processo. O quarto aborda como o consumo é capaz de expressar a identidade dos indivíduos, fundamentando o conceito de identidade e relacionado como a roupa se insere nesse contexto.

No capítulo cinco a Marcha das Vadias é apresentada e relacionada com o termo “empoderamento”. Tratado através de uma visão feminista é exposto sobre roupa e corpo no referido cenário. O sexto capítulo aborda mais especificamente a Marcha das Vadias de Recife do ano de 2017, em que cerca de cerca de duas mil pessoas protestaram pelo fim da violência e desigualdade de gênero. Nessa parte é relacionada as observações da Marcha e as entrevistas com empoderamento, roupa e corpo. No último capítulo são feitas as considerações finais sobre a pesquisa.

A partir disso foi possível concluir que estar na rua com - ou sem roupa - é uma forma das mulheres frequentadoras da Marcha se empoderarem e questionarem as construções sociais binárias fundamentadas no patriarcado.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida seguindo uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001), esta se volta para uma realidade que não pode ser quantificada, posta em equações ou estatísticas, entrando no mundo dos significados e das relações humanas.

Para a realização do estudo, foram feitas coletas bibliográficas acerca do papel da mulher na sociedade ocidental, apoiado nas discussões de gênero como explicação para a submissão feminina, e de que maneira a roupa participa como papel identitário nesse contexto. A bibliografia também conceituou identidade mostrando como o consumo e a moda participam da construção desta. Além de fundamentar a Marcha das Vadias e o termo “empoderamento” a partir de uma ótica feminista, é discutido sobre roupa e corpo no cenário da Marcha.

De acordo com Beuren (2006) a pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados anteriormente, analisando e conhecendo as contribuições já existentes sobre determinado tema. Ademais, foi usada pesquisa documental com notícias obtidas através de sites; fotos da Marcha retirados da página do *facebook*⁴ Marcha das Vadias - Recife, bem como fotos e vídeos captados pela pesquisadora com a câmera de celular, visando melhor embasamento das questões levantadas. A pesquisa documental, Segundo Godoy (1995) constitui-se como o exame de materiais os quais não foram analisados ou que podem ser reanalisados em busca de outras interpretações.

Também se utilizou a observação participante para a realização da pesquisa. A partir de Campenhoudt (2008), a observação participante consiste em estudar uma comunidade durante um período, participando das atividades coletivas. O lócus escolhido para a realização do trabalho foi a Marcha das Vadias de Recife, realizada no dia vinte e sete de maio de 2017, por se tratar de um evento em que a roupa tem significado expressivo, onde muitas mulheres vão com roupas curtas ou sem roupa para afirmar o seu poder e liberdade sobre seus corpos.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com mulheres presentes no local de concentração da Marcha, a fim de entender se a roupa funciona como objeto de expressão e empoderamento e de que forma isso se dá, além de que questionar as opressões sofridas por elas e o motivo que as levaram a frequentar a Marcha. Os áudios das entrevistas foram

⁴ Rede social fundada por Mark Zuckerberg.

gravados através do celular e o anonimato das entrevistadas foi preservado. Durante a análise das entrevistas as voluntárias serão denominadas por letras, de A até I, totalizando as nove mulheres. Segundo Minayo (2001), as entrevistas semiestruturadas associam características da entrevista aberta, em que o entrevistado aborda livremente o tema, juntamente com características da entrevista estruturada, em que as perguntas são formuladas previamente.

A Marcha das Vadias aqui analisada aconteceu em Recife, Pernambuco, no último sábado de maio de 2017. A concentração da mesma ocorreu na Praça do Derby, local de importante integração entre diferentes localidades da cidade, e começou por volta das treze horas, quando ainda tinha uma chuva fina na cidade. Situada no Bairro do Derby, área central de Recife, a praça conta com grande circulação de ônibus, bem como pontos de táxi, e por isso se constitui como principal ponto de passagem para quem está transitando na cidade. Além disso, esse espaço é marcado historicamente por abrigar as mais importantes manifestações do estado de Pernambuco.

Nesse cenário, um carrinho de som tocava músicas como “A carne”, que fala sobre racismo e “Maria de Vila Matilde”, que expõe sobre a denúncia de violência contra as mulheres, ambas cantadas por Elza Soares. Também estava presente na concentração o grupo de Maracatu da Batucada do Fórum de Mulheres de Pernambuco⁵, que seguiu a passeata até o fim. No referido espaço também teve performance, leitura da carta manifesto da Marcha⁶, bem como com confecção de cartazes e pinturas no corpo, que serão exploradas mais adiante.

A Praça aos poucos foi se enchendo, totalizando, segundo a organização, cerca de quatro mil pessoas⁷. Apesar da presença majoritariamente feminina, também tinham homens no local, bem como crianças. A pluralidade de mulheres presentes chamava atenção: tinham brancas, negras, com o cabelo liso, cacheado, crespo, transexuais, lésbicas, heterossexuais e bissexuais. As idades também eram bastante variadas, entre adolescentes e idosas. Vestiam-se das mais diversas formas: de vestido, sem blusa, outras sem blusa e sem sutiã com o rosto coberto, sem blusa com o mamilo pintado, outras de shortinho com dizeres pintados no corpo, com saia, com calça, só com sutiã e até as mais performáticas como uma senhora que segurava uma placa escrito “vó dia” e a viúva, vestida toda de preto, com um véu no rosto e tinha na sua placa “Tão nova... porque não casou de novo?”. A manifestação também contou com a cobertura da imprensa.

⁵ O Fórum surgiu em 1988 a partir da necessidade das mulheres se organizarem para assegurar e dar visibilidade aos seus direitos.

⁶ Carta aberta desenvolvida pelo coletivo organizador da Marcha das Vadias de Recife (Coletivo Marcha das Vadias - Recife) que informa sobre as motivações para a realização da Marcha.

⁷ Informações retiradas do site <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/marcha-das-vadias-percorre-ruas-do-recife-para-protestar-contraviolencia-e-racismo.ghtml> no dia 9 de junho de 2017

A manifestação começou seu percurso por volta das quinze horas, saindo da Praça do Derby e cruzou a Avenida Agamenon Magalhães em direção ao centro. A Avenida Agamenon foi a primeira perimetral construída na cidade e se caracteriza como uma das maiores vias desta, possuindo doze faixas, seis no sentido Olinda e seis no sentido Boa Viagem, bairro nobre de Recife. Ao longo da Avenida se estruturam diversos edifícios comerciais e os mais prestigiados hospitais, sendo esta também importante ligação entre a região Leste e Oeste da cidade e principal caminho para quem se dirige ao centro da cidade.

Com um tráfego diário de cerca de 100 mil veículos⁸, a avenida mostra sua magnitude. A Marcha das Vadias atravessou essa via e a fechou por alguns minutos, onde as mulheres mostraram suas faixas, cartazes e seus corpos com palavras que reivindicavam o fim da cultura machista. A caminhada continuou em direção à Avenida Conde da Boa Vista, principal avenida do centro da cidade. Com vários edifícios comerciais, lojas, escolas, faculdades, restaurantes e shopping, a avenida se caracteriza pelo grande fluxo de carros, ônibus e pessoas. Dessa forma, as mulheres da Marcha buscaram ocupar espaços urbanos em que cotidianamente perpassam, chamando atenção de quem trafegava no sábado de manhã, trazendo mais visibilidade ao movimento e a causa feminista.

As mulheres entoavam paródias e palavras de ordem pelo fim do feminicídio⁹, racismo e contra o governo de Michel Temer¹⁰. A manifestação aconteceu de forma pacífica e durante todo o percurso, foi acompanhada por equipes da Polícia Militar e da Companhia de Trânsito e Transporte Urbano. No caminho uma das manifestantes colou cartazes nas paredes e paradas de ônibus com as palavras “ventre livre”, fazendo referência à legalização do aborto e “abandona teu Diego Rivera”, que se refere ao cônjuge com o qual a artista plástica mexicana Frida Kahlo manteve um relacionamento conturbado durante anos.

A Marcha passou por toda a extensão da Avenida Conde da Boa Vista. Enquanto um dos sentidos da Boa Vista foi fechado para que a Marcha passasse, as pessoas que estavam na rua, nos carros e ônibus olhavam curiosas, algumas “indignadas” com a nudez, outras em sinal de apoio e algumas buscando entender o que se passava.

A manifestação chegou fim na Rua da Aurora, às margens do Rio Capibaribe, um dos pontos turísticos da cidade. Famosa por suas casinhas coloridas aos pés do rio, e onde estão as esculturas de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, esta se configura como principal

⁸ Informações retiradas do site <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/mobilidadeurbana/2013/05/uma-avenida-que-nasceu-grande/> no dia 9 de junho de 2017

⁹ Crime intencional tendo como motivação o fato de pertencer ao gênero feminino. Disponível em <<http://femicidionobrasil.com.br>> acesso em 15 de junho de 2017.

¹⁰ Atual presidente do Brasil, que chegou ao cargo após o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff

acesso para a parte antiga da cidade. Na referida rua, onde o sol nasce em Recife, milhares de mulheres levantaram cruzeiros pretos em homenagem a todas aquelas que morreram vítimas do machismo, da opressão e do feminicídio.

2.2 Área de Abrangência

Como espaço de abrangência da presente pesquisa foi escolhido a Marcha das Vadias, com foco na que aconteceu em Recife, no dia vinte e sete de maio de 2017.

A pesquisa realizou um estudo com as participantes inseridas no contexto da Marcha das Vadias da cidade de Recife, sendo a amostragem composta por nove mulheres participantes da Marcha, independentemente de idade e classificação social.

Amostragem, segundo Carmo e Ferreira (2008), é a técnica que leva a seleção de parte ou subconjunto de uma determinada população. Dessa forma, utilizaram-se indivíduos que estavam disponíveis no momento ou que se voluntariaram a participar da pesquisa, caracterizando uma amostragem de conveniência.

2.3 Plano de Coleta de Dados

Para a realização da presente pesquisa foram feitas as seguintes etapas: A - **Levantamento de dados** - realização de entrevistas semiestruturadas com nove manifestantes presentes na Marcha das Vadias de Recife, escolhidas a partir de amostragem de conveniência, onde os áudios foram gravados pelo celular. Segundo Minayo (2001), as entrevistas semiestruturadas articulam características da entrevista aberta, em que o informante aborda livremente o tema, juntamente com características da entrevista estruturada, em que as perguntas são formuladas previamente; B - **Pesquisa bibliográfica específica e documental** - foram realizados estudos a partir de notícias recolhidas de sites, das observações feitas pela pesquisadora, bem como imagens coletadas pela mesma a partir do celular, assim como retiradas da página no *Facebook* Marcha das Vadias – Recife.

Também foram feitos estudos bibliográficos acerca do papel social da mulher ocidental, apoiado nas discussões sobre gênero como explicação para a submissão feminina e de que maneira a roupa participa como papel identitário nesse contexto. A bibliografia também dará embasamento sobre identidade e de que forma o consumo e a moda participam da construção desta. Por último é conceituado feminismo, “empoderamento” e a Marcha das Vadias, expondo como o corpo e a moda se inserem nesse contexto; C - **Tratamento de**

dados - codificação, análise de conteúdo e interpretação de dados. Realizou-se a transcrição e interpretação das entrevistas gravadas, fundamentando através da pesquisa bibliográfica e embasando a partir da observação, de informações retiradas de sites, bem como fotos e vídeos gravados pela pesquisadora na Marcha e encontrados na página do *Facebook* Marcha das Vadias - Recife.

2.4 Categorias Analíticas

Segundo Carmo e Ferreira (2008), categorias são notas relevantes para a pesquisa que serão classificadas e posteriormente quantificadas.

Como a presente pesquisa tem por objetivo compreender o papel da roupa na expressão identitária empoderada das participantes da Marcha das Vadias, serão usados como categorias analíticas: Marcha das Vadias, roupa e empoderamento.

Segundo Galetti (2014), a Marcha das Vadias se constitui como um movimento em que as mulheres se apropriam da palavra “vadia” para lutarem contra o estereótipo que as culpabilizam pelo assédio que sofrem. Além disso, a Marcha defende a liberdade feminina, bem como suas sexualidades e o direito de autonomia sobre seus corpos.

Empoderamento na visão feminista, para Sardenberg (2006), está ligado à liberdade das opressões de gênero e o questionamento do patriarcado, principal estrutura que sustenta essas opressões. Dessa forma, é tido como objetivo a conquista da autonomia feminina, de forma que as mulheres possam ter controle sobre seus corpos e suas vidas, através da quebra da ordem patriarcal.

3 O PAPEL SOCIAL DA MULHER OCIDENTAL E SUA VESTIMENTA

Os papéis sociais assumidos pelo homem e pela mulher se constituíram como diferentes desde o início da civilização ocidental. Para Ferreira e Aragão (2015), isso data do momento em que o sujeito passou a se fixar na terra, formando a ideia de família que conhecemos hoje e, conseqüentemente, de propriedade privada e divisão do trabalho. A partir disso, coube à mulher o trabalho sedentário e o culto à virgindade e monogamia, que garantia a legitimidade do herdeiro.

Seguindo a lógica estabelecida para as mulheres, estas deveriam se manter cobertas, recatadas. Boucher (2010) afirma que nas Civilizações do Mediterrâneo, como na Grécia, a vestimenta feminina se constituía por uma grande bata, chamada *peplo*, como mostra a figura 1. Sendo completamente aberta em um dos lados, as mulheres, para evitar a exposição do corpo, uniam as duas pontas do tecido com uma costura.

Figura 1 – *Peplo* feminino usado na Grécia



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 88.

Outro exemplo que chama atenção não só pelo recato, mas pela modificação do corpo feminino, se dá no início do século XV na França. Segundo Boucher (2010), a roupa das mulheres além cobrir, também modelava o corpo: era usado um corpete para afinar a cintura, valorizar a silhueta, ampliar quadris e destacar os seios, como visto na figura 2.

Figura 2- Vestimenta da Mulher na França do século XV



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 161.

No século XIX, o panorama geral não tinha mudado na Europa. Segundo Souza (1987), os parâmetros criados no início da civilização ainda vigoravam, reafirmando a submissão da mulher, frágil e impotente, dependente da figura masculina. O homem se constituía como público, e a mulher, privada – este primeiro se ocupava com a vida comercial, política e atividades profissionais, enquanto ela com atividades domésticas, voltadas para agradar o marido e a família. Dessa forma, o casamento se estabelecia como objetivo principal na vida de uma mulher, sendo dever principalmente da mãe ensinar à filha as prendas e as regras sociais para se conseguir um marido.

No Brasil, de acordo com Del Priore (2013), desde a colonização, a igreja católica incentivava a submissão da mulher ao homem, estimulando a dominação desta. No contexto em que o país se encontrava, a lógica escravista se cultivava também dentro de casa, onde a figura feminina se constituía como escrava doméstica, cuidando dos serviços da casa, satisfazendo o marido com sexo e dando-lhe filhos legítimos para a perpetuação da família. A mulher e os filhos eram subordinados do pai, restando a ela passar para as crianças valores morais e regras que deveriam ser obedecidas sem questionamentos.

O discurso da subalternidade feminina também era fomentado por intelectuais conceituados, de acordo com Crane (2006), que afirmavam a inferioridade física, moral e intelectual das mulheres, tendo estas vocação apenas para o casamento. No âmbito privado a mulher se constituía como figura importante para estruturação e manutenção da família, porém fora de casa ela não possuía prestígio social ou poder, dispunha de pouquíssimo direito legal e nenhum direito político. Um exemplo disso é a forma como as meninas eram

educadas: elas pouco aprendiam além das “prendas do lar”. Dessa forma, o mercado de trabalho para as mulheres era praticamente inacessível, já que o nível de escolaridade baixo acabava por limitar as ofertas de emprego, que quando existiam pagavam salários que chegavam a ser até metade daqueles pagos aos homens.

Louro (1997) acredita que a base para justificar a desigualdade social existente entre homens e mulheres era a distinção dos gêneros, que vinha de uma visão puramente biológica, sendo o sexo fator determinante dessa distinção. Complementando, Scott (1989) afirma que as relações de diferenciação e binaridade de gênero estão diretamente ligadas às relações de poder, de como um é dominante e o outro é dominado, fomentando a lógica de dominação-submissão.

No século XX, todo o poder social vinha da figura masculina. Este detinha o poder de dominar e “dar vida” à mulher, conferindo-lhe status, como visto no trecho abaixo:

O casamento era uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, o único meio de adquirir status econômico e social, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos bordados infundáveis, à educação dos sobrinhos. (...) Mas, se não se casando a mulher via seu prestígio na sociedade diminuído, dedicando-se ao trabalho remunerado descia imediatamente de classe (SOUZA, 1987, p. 90).

A mulher isolada não tinha prestígio, de forma que o casamento se tornava obrigatório para “manter a reputação”. Segundo Souza (1987), esta precisava chamar atenção do homem com seus atributos, sendo necessário se portar como uma dama, saber as prendas do lar e ser uma boa esposa – que significava obedecer ao marido. Era preciso se encaixar nos padrões dos manuais de boas maneiras, e como aponta Del Priore (2013, p. 22), não importava as qualidades ou defeitos, desde que ela “não deixe de ser virtuosa, honesta, honrada e discreta.”

Além disso, Crane (2006, p. 107) aponta registros de revistas femininas que falam da obrigatoriedade da mulher se mostrar sempre bonita: “já lhes disse, e voltarei ao assunto com frequência: uma mulher, mesmo uma simples trabalhadora, deve ser sempre uma mulher, e zelar extraordinariamente por sua aparência”. Dessa forma, a mulher precisava estar sempre impecável, sedutora, porém recatada, seguidora das regras de etiqueta, sobrando pouco espaço para sua expressão como sujeito.

Ao utilizar da roupa como objeto expressivo, mas também como forma de se enquadrar nos padrões de seu grupo social, Crane (2006) expõe que as mulheres com maior poder econômico dedicavam-se a possuir uma grande quantidade de roupas sofisticadas. Dessa forma, elas despendiam tempo e pequenas fortunas para manter uma rouparia adequada. Para sustentar as mudanças constantes no guarda-roupa, e as várias ocasiões que

demandavam vestidos diferentes e suntuosos, as mulheres se tornavam dependentes dos homens, seja de parentes ou do marido, dessa vez no aspecto financeiro. Ao contrário das mulheres da classe operária, que tinham menos contato com as roupas da moda por passarem boa parte do tempo em casa e pela limitação dos recursos financeiros, já que ganhavam menos que os homens.

A moda se constitui como uma forma de expressão, mas também pode ser uma forma de opressão. Ao longo do século XIX, a vestimenta da mulher foi preenchida com vários adornos de forma que ela mal pudesse se mexer, colocando-a como manequim a ser apreciado. Já a vestimenta do homem ficou mais enxuta, assemelhando-se a um uniforme, pois este facilitava o dia a dia da pessoa pública: “para a mulher a beleza, para o homem o despojamento completo” (SOUZA, 1987, p. 72). Como visto na figura 3, o homem está vestido com poucas peças e adornos, enquanto a mulher está repleta de babados, tecidos e adornos que alteram a sua silhueta original.

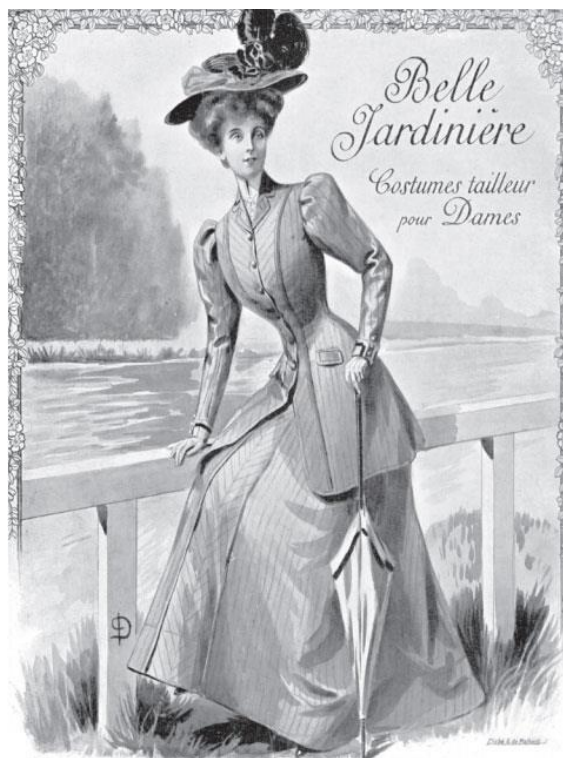
Figura 3 - Casal representando a vestimenta do século XIX



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 347.

Segundo Orsi e Carmo (2015), na Belle Époque, iniciada por volta de 1895, a silhueta sofreu influência da Art Nouveau e suas formas curvilíneas. O padrão para as mulheres era a forma de ampulheta, que foi amplamente adotada na época, como visto na figura 4. Para conseguir manter o formato de “S”, elas usavam um espartilho que impulsionava o busto para frente e o quadril para trás, sendo este por vezes tão apertado que a cintura poderia chegar a medir quarenta centímetros.

Figura 4 – Silhueta feminina na Belle Époque



Fonte: Disponível em <http://www.democraciafashion.com.br/wp-content/gallery/belle_epoque/la-belle-epoque.jpg> acesso em 28 de jun 2017.

Sendo assim, a expressão de identidade através da roupa acabou criando padrões de beleza que serviam como uma espécie de prisão para as mulheres, não só por conta dos inúmeros adornos que certificavam seu sedentarismo, mas pela própria estrutura da vestimenta que as impossibilitava de realizar algumas atividades básicas. O espartilho afunilava a cintura, *paniers*, crinolinas e anquinhas carregavam pesos e formas que se constituíam como prisões físicas para as mesmas, que mal podiam andar, levando-as à fadiga:

Qualquer atividade realizada com as crinolinas levava as mulheres à fadiga. Somado ao uso do espartilho, era muito comum elas terem desmaios, faltas de ar, inapetência, ficavam sempre pálidas e com aspecto doentio. (...) Porém, esse estereótipo virou padrão de beleza na época, fazendo com que as jovens utilizassem açafraão e tinta para obterem olheiras azuladas (XIMENES, 2009, p. 58).

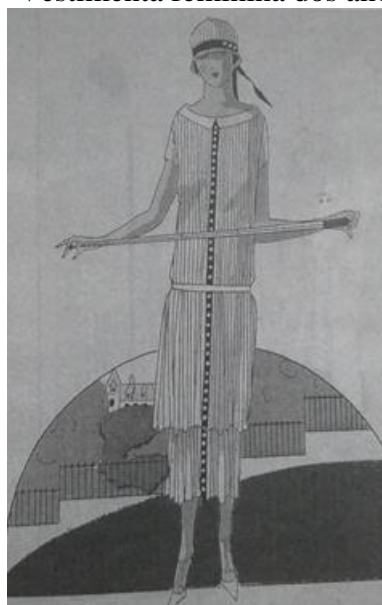
Aos poucos essa perspectiva fatigante foi se modificando. De acordo com Stefani (2005), nos anos de 1910 as mulheres da classe média deram os primeiros passos em direção ao mercado de trabalho. Estas começaram a ocupar espaços que antigamente não lhe cabiam, embora ainda sob os olhos dos homens, como aponta Louro (1997):

Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como *são* ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens

e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (LOURO, 1997, p. 17).

Stefani (2005) aponta que a mudança no estilo de vida das mulheres levou a mudança do vestuário destas. Assim, as saias encurtaram, ficando na altura da canela, com a barra mais estreitas e o espartilho não era mais obrigatório, surgindo em 1913 um novo sutiã, leve e pequeno. A Primeira Grande Guerra levou as mulheres efetivamente às fábricas para suprir a mão de obra masculina que estava nos campos de batalha. Nessa época, Crane (2006) aponta que o ideal feminino antes cheio de curvas e volumes deu espaço para melindrosa, uma mulher independente, porém com um rosto infantil, com as curvas escondidas e os cabelos curtos, dando um ar de garoto feminino, como apontado na figura 5:

Figura 5 - Vestimenta feminina dos anos de 1920



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 399.

Mesmo com os avanços que proporcionaram maior visibilidade à mulher, a submissão feminina estava longe de ser abolida. Segundo Blay (2001) as operárias fabris eram exploradas com uma jornada de trabalho massacrante, em condições insalubres, ganhando menos que os homens para realizar o mesmo trabalho. Del Priore (2013) afirma que revistas brasileiras, na década de 1940, ainda publicavam matérias afirmando que o caminho natural das mulheres era ser mãe e dona de casa. As regras para “arrumar” um casamento ainda existiam, e as mais recatadas eram escolhidas por se enquadrar no ideal de “boa família”.

De acordo com Crane (2006) a Segunda Guerra Mundial popularizou o uso da calça pelas mulheres. Inicialmente usada pela falta de novas roupas, já que os recursos eram todos direcionados para a batalha, as calças também foram incorporadas nos uniformes femininos

de grupos de apoio a guerra. As trabalhadoras fabris, devido a massiva presença nas fábricas, também utilizavam a peça e contribuíram para a popularização da mesma no vestuário feminino. O uso desta possibilitou maior mobilidade e conforto, sendo de fundamental importância para que as mulheres também ocupassem espaços antes majoritariamente masculinos.

Os anos de 1960 foram marcados por várias revoluções. Os movimentos contra a segregação racial, liderados por Martin Luther King, as manifestações estudantis na França e a difusão do movimento feminista, que questionava os papéis sociais voltados para as mulheres, segundo Rocha (2011), encabeçaram um contexto de transformação crucial para a moda.

Para Louro (1997), a visibilidade da mulher, que foi ocultada durante tantos anos, se constituía como principal objetivo das primeiras estudiosas feministas. Boris e Cesidio (2007) afirmam que o movimento feminista lutou por igualdade de gêneros, direito de voto, bem como o direito da mulher trabalhar fora de casa e do uso da pílula anticoncepcional, afirmando que sua função não era apenas reprodutora. O advento do capitalismo e as guerras também foram responsáveis por tirarem as mulheres de casa para o trabalho, fazendo com que conquistassem maior espaço na sociedade.

Para Araujo e Leoratto (2013), o desejo por liberdade e expressão sexual era pulsante entre os jovens da época e refletidos na moda, sendo a sexualidade cada vez mais debatida na sociedade. Betty Milan escreveu para a revista *Veja* em 2010 sobre as amarras que rodeavam o sexo nas décadas passadas. Proibido para as solteiras e obrigatório para as casadas, o sexo passou a ser uma imposição. A revolução dos anos de 1960 refletia a necessidade de libertação sexual, que foi impulsionada pela descoberta da penicilina, que tratava a sífilis, e da pílula anticoncepcional, que prevenia uma gravidez não planejada.

A influência da corrida espacial, segundo Araujo e Leoratto (2013), trouxe o futurismo para a roupa com o uso de formas mais geometrizadas caracterizando o momento histórico de busca pela liberdade, individualidade e o processo de independência feminina, como visto na figura 6. Sendo o homem detentor de prestígio social, profissional, intelectual e físico, as formas mais retas na roupa feminina escondiam o formato da sua silhueta, o que podia ser interpretado como um desejo das mulheres de se aproximarem do parâmetro masculino em busca desse prestígio.

Figura 6 – Exemplo de vestimenta feminina dos anos de 1960



Fonte: Disponível em <<http://www.lilianpacce.com.br/moda/courreges-volta-e-commerce/>>. Acesso em 25 de junho de 2017.

No fim da década de 1960 surgiu o movimento *hippie*. Segundo Rocha (2011), também conhecido como *Flower Power*, a tendência era o amor livre, grande interação com a natureza, uso de cabelos compridos, roupas gastas, acessórios coloridos, franjas e flores. Como importante destaque da época, o modelo binário de feminino e masculino é quebrado, surgindo o unissex e um forte movimento andrógino. Dessa forma, calças, blusões, smoking e bota foram se popularizando entre as mulheres.

Segundo Araujo e Leoratto (2013), a década de 1970 foi marcada pela visibilidade das mulheres e conquista de espaço na sociedade. Estas passaram a procurar sua independência, tomar suas próprias decisões e se libertar das amarras da subordinação masculina. A inserção da mulher no mercado de trabalho também foi responsável pela popularização de peças majoritariamente masculinas no guarda roupa das mulheres, já que elas buscavam uma aparência mais séria e sóbria.

O contexto sócio-histórico foi modificando as roupas femininas, que ficaram mais nuas - as saias longas viraram mini, as calças ficaram justas e o biquíni tinha se popularizado. Segundo Del Priore (2013) o nu feminino tinha se massificado nas revistas, na televisão, nas praias e nas ruas. O corpo que antes vivia escondido por ancas, espartilhos e vários metros de tecido, agora era mostrado, visto, despido. O encurtamento das roupas deu ao corpo uma nova

conotação: para ser exposto, este precisa estar “perfeito”, levando as mulheres a cobrirem o corpo com cremes, silicones, vitaminas e maquiagens.

Na década de 1980, de acordo com Araujo e Leoratto (2013), veio a tona a obsessão pelo corpo perfeito. O corpo passa a ser símbolo de status, sendo analisado, apreciado e rotulado. Ter hábitos saudáveis, fazer exercícios e cultivar uma boa alimentação se tornaram regra. Isso se refletiu na moda com a tendência *sportwear*, com o uso de calça legging, malhas e moletom. A ideia agora era usar roupas que mostrassem o corpo, acompanhando as curvas, dando um ar sensual, como mostrado na figura 7.

Figura 7 - Capa da revista Nova, veiculada em 1987.



Fonte: Disponível em <<http://xonhodebrinquedo.blogspot.com.br/2011/07/capa-de-revista-nova.html>> Acesso em 15 de junho de 2017.

Com o advento da moda da mulher magra, segundo Del Priore (2013), trava-se uma batalha sem precedentes com a balança em busca de um ideal de peso. Dietas milagrosas bombardeiam as revistas e a mídia impõe que para mostrar o corpo é preciso estar em dia com as medidas. Dessa forma, procuram-se cada vez mais recursos para retardar o envelhecimento e enquadrar os sujeitos nos padrões de beleza disseminados pelas mídias.

O corpo agora precisava ser jovem, belo e saudável. Araujo e Meneses (2011) afirmam que a medicina incorporou o movimento afirmando que magreza é sinônimo de saúde – que seria indispensável fazer exercícios e dietas para o bom funcionamento do organismo. Nesse contexto histórico, o peso ideal se tornou indicador essencial de longevidade - era recomendação médica ser magra. Estar acima do peso era então considerado nocivo à estética e à saúde

Del Priore (2013) afirma que, se por um lado a mulher foi conseguindo seu espaço na rua e sua submissão em relação ao homem diminuiu, agora ela passava a ser submissa à mídia, revistas e empresas publicitárias. A mulher do século XXI se tornou subordinada da indústria da beleza, bombardeada de imagens de ideais estéticos e mensagens que induzem um padrão medido por índice de massa corporal, quantos centímetros deve ter a cintura, quadril e busto, qual a cor do cabelo e o formato da boca. Essa é a prisão da mulher ocidental, como visto no trecho abaixo:

Se as mulheres orientais ficam trancadas num espaço determinado, o harém, as ocidentais tem outra prisão: a imagem. E são açoitadas para caber nela: eternamente jovens, leves e saudáveis – uma armadura que em tempos de globalização irradia-se por todo o planeta. Tamanho grande? Só no fundo da loja. A energia que as mulheres consagram ao corpo para não deixá-lo enrugado nem engordar é impressionante. E tudo para entrar em outro cárcere: o olhar masculino. “Os homens olham as mulheres. E as mulheres se olham ser olhadas.”, diagnosticou o sociólogo John Berger. E a feminista Naomi Wolf cravou sem dó: “A fixação sobre a magreza feminina não é expressão de beleza da mulher, mas de obediência feminina” (DEL PRIORE, 2013, p. 256).

A mulher ocidental tornou-se então prisioneira da sua imagem - e a ela submissa. Para Araujo e Meneses (2011), as mulheres se livraram das volumosas roupas apoiadas no discurso da própria liberdade, para que os quilinhos a mais se libertassem da pressão e aperto exercidos pelo espartilho. Porém, a pressão das roupas foi substituída por uma pressão diferente, a pressão sociocultural. Esta se estendeu sobre os corpos, com apoio do discurso médico, de forma a garantir que o padrão de “saúde e bem estar” fosse seguido. Como visto na figura 8, a “boa forma” é cultuada, dietas, receitas e chás que prometem o emagrecimento são difundidos nas revistas, onde a celulite e a gordura são repudiadas.

Figura 8 – Capa da revista Shape



Fonte: Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/352688214541093324/> > Acesso em 26 de junho de 2017.

Uma das mulheres participantes da Marcha das Vadias de Recife em 2017 afirmou sofrer com essa padronização dos corpos durante sua adolescência e estar com os seios à mostra na manifestação, apenas cobertos com tinta vermelha, significa se aceitar e se libertar desses padrões, como apontado abaixo:

É porque eu passei a adolescência todinha escutando que meu peito é pequeno... não tem peito... e outras mulheres também passaram por isso, tanto pro muito ou pouco... enfim, o formato do corpo delas, então isso pra mim, quando eu venho pra cá é pra mostrar que eu sou desse jeito (Entrevistada A, 21 anos, estudante de Letras).¹¹

A pressão recai muito mais sobre os corpos femininos. Segundo Del Priore (2013), estudos apontam que ainda existem inúmeras desigualdades entre os sexos, de cunho econômico, político e até social. Tais desigualdades podem ser vistas dentro de casa, onde a mulher além de encarar a jornada de trabalho diária, se encarrega de grande parte das atividades domésticas e dos filhos, bem como na necessidade de seguir os padrões impostos sobre o corpo. Segundo Araujo e Leoratto (2011), as exigências sobre o corpo feminino são mais fortes, sendo este o maior alvo da indústria da beleza.

Diminuiu-se a roupa para mostrar o corpo e dar mais conforto à nova mulher que surgia com o contexto histórico que se colocava. Mas esse corpo descoberto é coberto de modificações, de críticas, de padrões e ideais estéticos. A opressão feminina mudou de forma, acompanhando o período histórico que se seguiu.

¹¹ A análise detalhada da Marcha das Vadias de Recife do ano de 2017 será feita no capítulo 6.

4 A ROUPA COMO EXPRESSÃO SOCIAL DE IDENTIDADE

A transição do sistema feudal para o sistema burguês é marcado por inúmeras mudanças, sendo a principal, a mudança no estilo de vida da população. Bueno e Lima (2008) afirmam que era necessário cultivar um estilo de vida que se opusesse ao estilo de vida bárbaro, buscando não mais a distinção social a partir de sangue e sim a partir da posse de recursos para adquirir bens. O avanço da urbanização e do capitalismo reafirma esse novo estilo de vida. As pessoas passaram a ter acesso aos luxos antes só permitidos à realeza, sendo um deles a cultura, que deixou de se restringir à corte para ocupar espaços acessíveis a quem possuísse capital, como cafés e teatros.

Segundo Bueno e Lima (2008), se passava a valorizar então a subjetividade do indivíduo expressa na forma material, como na visita a museus, bibliotecas, cafés, restaurantes, galerias de arte. Dessa forma, o consumo estava cada vez mais próximo às práticas culturais e a vida cotidiana, agregando cultura, consumo e lazer, como exposto no trecho abaixo.

Nesse cenário, desenvolve-se uma nova lógica de construção das identidades, não mais em função do passado e da tradição, mas a partir da vivência num ambiente em permanente transformação, no qual a posição social não é mais herdada e, sim, conquistada, num mundo em que as referências deixam de ser preestabelecidas para serem constantemente reconstruídas. Os estilos de vida, no mundo moderno e contemporâneo, tornaram-se uma das principais instâncias de construção de identidades, que afloram e ganham visibilidade no interior de um mosaico de práticas culturais. As maneiras de beber, comer, vestir e morar, associadas às escolhas literárias e artísticas, remetem a níveis de reconhecimento mais profundos: a classe social, a ocupação, mas também as opções éticas, políticas, estéticas e morais (BUENO E LIMA, 2008, P. 13).

Assim, como exposto acima, as identidades não se constituem mais a partir do sangue e da família a qual o indivíduo descende, e sim das suas construções cotidianas, suas preferências e, conseqüentemente, seus hábitos de estilo de vida e consumo. A cidade que emerge a partir de então está voltada para o passeio, comércio e entretenimento. Sendo o consumo pano de fundo principal para as socializações e construções de identidades.

A partir da luta de classes por prestígio e identidade, surgiu a moda como conhecemos hoje. Segundo Pontes (2013), o sistema de moda, onde as novidades aparecem semestralmente, surgiu a partir da busca por identidade. A nobreza ocupava o topo da pirâmide das classes, o qual pertencia grande parte do dinheiro e, conseqüentemente, do prestígio. A burguesia, por outro lado, possuía dinheiro, mas não possuía o prestígio de ter o sangue nobre. A forma que a burguesia encontrou de adquirir um pouco desse status foi se vestindo tal qual a nobreza. Esta, que não tinha interesse em se parecer com os burgueses,

buscava se diferenciar para manter sua identidade prestigiada. Assim, a representação visual era construída através da roupa, que a nobreza a modificava periodicamente buscando expressar seu status.

As sociedades atuais se utilizam do mundo material para manter sua expansão. Segundo Barbosa e Campbell (2006) os bens e serviços suprem as necessidades físicas e biológicas, mas também são responsáveis por mediar as relações sociais e interações pessoais, construindo identidades e conferindo status. Uma gama enorme de possibilidades se abre ao sujeito, dando-lhe a oportunidade de experimentar as mais diversas maneiras de consumo. Dessa forma, bens e serviços consumidos são também responsáveis por auxiliar na descoberta e construção da subjetividade e identidade do indivíduo.

As concepções de identidade variaram ao longo dos anos. A partir de Hall (2005), podem-se distinguir três concepções de identidade: do sujeito do Iluminismo; do sujeito sociológico; e do sujeito pós-moderno. A primeira trata o sujeito como pessoa unificada, centrada e detentora de razão, onde o centro era o seu eu interior – esse centro seria a identidade, que apesar de se desenvolver com o passar da vida, permanecia essencialmente a mesma.

Em contrapartida, a identidade do sujeito sociológico parte do pressuposto que o sujeito não é autônomo e individual, e dessa forma, seu centro é formado da relação com as outras pessoas, refletindo então a complexidade do mundo moderno. A identidade individual não é negada, mas acredita-se que esta é modificada e construída através do contato com pessoas e culturas do mundo externo. Já a identidade pós-moderna parte dessa complexidade do mundo em que vivemos e da constante mudança das bases estruturais e institucionais, fazendo com que o sujeito não possua apenas uma identidade, mas várias, por vezes contraditórias entre si. Assim, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2005, p. 12).

Segundo Massarotto (2008) vivemos no mundo em que nada é pré-definido, tudo se mantém em construção e desconstrução permanente, tudo é transitório e passageiro - e assim se constituem as identidades, que estão cada vez mais plurais, fragmentadas e múltiplas. A construção dessas identidades parte também da construção de um estilo pessoal capaz de explicitar a personalidade singular do indivíduo, o que se constitui uma dualidade. Por estar inserido na esfera coletiva, que não pode ser ignorada, o indivíduo sente necessidade da aprovação social de determinado grupo que compartilha dos mesmos interesses e espaços sociais. Ao passo que os sujeitos buscam a individualização através de uma marca pessoal e inconfundível para se destacar dentro desse grupo.

A grande variedade de possibilidades abertas ao sujeito faz com que sua identidade sofra cada vez mais interferência do mundo externo. Para Rolnik (1997) as realidades estão cada vez mais próximas, mesmo em lugares completamente distantes no planeta, com uma intensidade cada vez maior. Essa aproximação ocorre graças à globalização da economia e avanços tecnológicos, em especial das mídias eletrônicas. Segundo Pontes (2013), essa era globalizada em que vivemos, onde a informação, imagem, comunicação e cultura circulam com rapidez e intensidade cada vez maior faz com que a identidade do sujeito seja repensada com frequência, de forma a se adaptar às informações recebidas.

Ainda segundo Pontes (2013), a imagem é algo constantemente evidenciado. Essa exposição da imagem na cultura do consumo em revistas, outdoors e até mesmo nas redes sociais acaba por criar uma demanda do consumo de moda, pois esta é intrinsecamente ligada à imagem. Então, para além da roupa, a moda vende um estilo de vida e com isso o sentimento de pertencer a um grupo, sempre contrapondo a vontade de ser único com o vincular-se a alguém. Todos esses ideais distintos de estilos de vida acaba orientando o sujeito ao consumo de várias identidades, como apresenta Pontes (2013):

Se antes as identidades eram fixas e pré-estabelecidas pela sociedade fazendo a conexão entre o sujeito e sua cultura, agora elas podem ser entendidas como múltiplas, contraditórias, antagônicas e em constante movimento, em constante mudança. A identidade que antigamente estabilizava o sujeito e o conectava a determinado grupo ou nacionalidade, hoje é estudada como algo em conflito e sem unidade no que diz respeito ao sujeito. Ou seja, aquela identidade única e unificadora encontra-se em declínio, fazendo surgir uma identidade complexa e múltipla, responsável pela fragmentação do indivíduo (PONTES, 2013, p. 3).

Essa liberdade para escolher dentre as inúmeras possibilidades de consumo, também dá a opção de escolher entre inúmeras identidades, sendo essas identidades nem sempre compatíveis entre si e por vezes contraditórias. Segundo Louro (1997), o indivíduo possui um gênero, pertence à determinada classe social, etnia, nacionalidade e tantas outras categorias que formam sua identidade, e estão ao mesmo tempo constituindo o ser humano, se articulando e interferindo entre si.

O consumo de forma geral se constitui como principal autor expressivo. Sendo esta a esfera central do sistema econômico a qual os sujeitos estão inseridos, Massarotto (2008) afirma que as marcas de individualização do sujeito e construção de uma identidade única e intransferível são incorporadas e construídas através dele. Complementando, Crane (2006) declara que a roupa se constitui como principal forma de expressão de identidades, já que esta é uma das formas mais visíveis de consumo.

Diariamente, ao vestir-se para sair de casa, é escolhido o que se deseja expressar. Cada sujeito olha para as opções do guarda roupa e faz escolhas de acordo com o clima, o que

pretende comunicar, o ambiente que frequenta e como quer ser percebido pelos outros, afirmando que a maneira como o indivíduo “cobre seu corpo é uma forma de mostrar seus gostos, sua classe social, seu tipo de trabalho, enfim, quem ele é.” (STEFANI, 2005, p. 7).

As mulheres participantes da Marcha das Vadias de Recife em 2017 apontaram o conforto como critério usado na hora de escolher uma roupa, porém se adequando à situação. Uma delas afirmou que, por ser estudante de enfermagem, precisa usar determinada roupa para frequentar os locais de estudo, mas que no dia a dia não é muito criteriosa, e que busca “quebrar ao máximo isso de se vestir para agradar determinado padrão” (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem). Outra mulher presente aponta que, automaticamente, avalia o espaço que vai frequentar e, a partir disso, escolhe uma veste que seja apropriada para aquela situação. Ela cita que não gosta de usar sutiã, mas que dependendo do espaço que vai frequentar, ela se adequa, como citado abaixo.

Eu avalio muito o espaço que eu vou, é automaticamente, às vezes eu nem percebo, mas já estou me vestindo me adequando pra um espaço que eu vou. Geralmente eu me visto da maneira mais confortável, mas se eu for... pronto, eu não gosto de usar sutiã, mas dependendo do espaço que eu for, eu vou colocar alguma coisa porque rola aquela... chama atenção... machismos e violências... e aí você sem perceber, mesmo você querendo enfrentar qualquer espaço, você acaba se privando e usando uma roupa que não mostre muito suas formas (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

O estilo de vestir acaba se modificando a partir do ambiente que é frequentado. Assim, Embacher (1999) afirma que as roupas adquirem funções sociais, estéticas e psicológicas, que são misturadas e expressas simultaneamente em determinadas ocasiões, atuando como forma de expressão do indivíduo, explicitando sua identidade.

É notável a importância da roupa na expressão das identidades dos indivíduos. De acordo com Crane (2006), nas sociedades pré-industriais, as pessoas da Europa e Estados Unidos mostravam através do vestuário sua classe social, identidade regional, religião e até ocupação. Uma forma de enfatizar a importância da roupa na construção social da identidade se dá na metade do século XIX por conta do movimento migratório nos Estados Unidos. Os imigrantes que chegavam ao país se despiam de suas roupas tradicionais e adotavam outras, desfazendo-se então da identidade anterior para estabelecer novas.

Massarotto (2008) afirma então que o consumo é visto a partir de uma perspectiva cultural, em que os bens materiais detêm um valor simbólico que se sobrepõe ao valor material do produto. A partir desse consumo simbólico, da roupa, por exemplo, é possível transmitir valores culturais e sociais e explicitar gostos que se referem à individualidade do sujeito.

Segundo Crane (2006), a moda é também um forte marcador de status e gênero,

podendo manter ou subverter símbolos sociais. A roupa exerceu o papel de sustentar os símbolos sociais quando, em sua essência, servia para alimentar o binarismo homem-mulher e afirmar a submissão da segunda ao longo do século XIX. A autora complementa que as roupas desempenharam papel fundamental na comunicação simbólica do século XIX, se caracterizando como veículo transmissor de informação sobre os indivíduos.

Apesar da vestimenta contribuir para a concretização da imagem passiva e submissa da mulher perante a sociedade, esta se constituía como símbolo comunicativo não verbal - era o que lhes restava como forma de expressão. Já que o convívio no espaço público foi negado a elas, e o ócio visto como atividade apropriada para a época, a roupa foi incorporada também como símbolo identitário, fazendo com que muitas vezes se referissem às mulheres como “anáguas”.

Ao analisarmos a época, de acordo com Souza (1987), a vestimenta masculina ficou mais enxuta, reafirmando a posição do mesmo de indivíduo público, social, ocupando seu lugar fora de casa. Ao contrário, a vestimenta da mulher ficou cada vez mais adornada, muitas vezes dificultando a locomoção, colocando-a no lugar de figura privada, sedentária, cuidadora da casa e manequim ocioso à ser apreciado, exibindo a riqueza do marido. Diante de tamanha repressão, a mulher apropriou-se da moda para se manifestar.

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a descoberta do ser, a pesquisa atenta de sua alma (SOUZA, 1987, p. 100).

Expressar-se, então, era de suma importância para as mulheres, mesmo que isso causasse “deformação” em seus corpos. Para Crane (2006), com a revolução industrial e a produção em massa, as roupas ficaram mais baratas, menos adornadas e com isso, mais democráticas. Isso, juntamente com a inserção da mulher no mercado de trabalho, que permitiu o uso de roupas mais leves, possibilitou que estas tenham mais ferramentas de expressão identitária.

O consumo faz parte do cotidiano do indivíduo. A roupa, por se constituir como um objeto de fácil acesso, mudança, grande visualização e preço acessível, se molda ao indivíduo facilmente como “outdoor” de suas identidades. A facilidade da troca mostra a pulverização de inúmeras identidades presentes em um único sujeito.

5 FEMINISMO, MARCHA DAS VADIAS E EMPODERAMENTO FEMININO

O feminismo teve sua explosão no final dos anos de 1960. Segundo Louro (1997), o objetivo inicial das estudiosas feministas era tornar visíveis as mulheres que foram durante muitos anos ocultadas. A autora explica que a “segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (LOURO, 1997, p. 17). Essa invisibilidade se deu a partir de discursos que colocavam a mulher no lugar do privado, enfatizando que o espaço ocupado por ela deveria se restringir ao doméstico.

Veloso, Vasconcelos, Cardoso e Januário (2016) afirmam que, para além da visibilidade feminina, o movimento feminista pretende tirar as mulheres da dominação masculina patriarcal, lutar pela igualdade de gênero e para que a mulher tenha mais espaço de fala na esfera pública, da mesma forma a reconhecer o lugar da mulher na história como sujeito político. A importância de reconhecer esse lugar público como pertinente à luta feminina proporciona o fim do silenciamento e a validação das suas reivindicações, como no caso da ocupação das ruas pela Marcha das Vadias.

Os roteiros que eram discutidos nos anos de 1970 pelas feministas, segundo Veloso et al. (2016), conseguiram ser reacendidos pela Marcha. Falas como “nosso corpo nos pertence” e “meu corpo, minhas regras” se mantêm no movimento atual, pautando sobre corpo, escolhas e assédio, e se configurando como uma das principais bandeiras de luta. Galetti (2014) aponta, a partir de Rago (2013)¹², que a caricatura da feminista de 1970 como mulher séria e sisuda é quebrada. Em contrapartida, na Marcha das Vadias, surge a figura feminista irônica e irreverente. Ao se autodenominar “vadias”, essas mulheres se utilizam da ironia para contestar a cultura dominante patriarcal, trazendo outros artefatos para a luta, de forma a oferecer leveza ao movimento, porém sem perder o foco das reivindicações.

Como se fosse uma espécie de castigo, segundo Baggio (2014), os homens veem as mulheres como merecedoras do assédio que sofrem, justificando pela roupa que estas vestem. Muitos desses homens acreditam que elas teriam “perdido a vergonha na cara” e o “respeito”, andando “praticamente nuas”, “brincando com o apetite sexual do homem”, usando roupa curta “é puta”, “estava pedindo”.

Para Gomes e Sorj (2014) a Marcha das Vadias surgiu como forma de protestar

¹² RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In: Cadernos AEL. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp 1995/1996, n. 3/4, p. 11-43.

contra esse pensamento, impulsionado pela fala de um policial ao afirmar que as mulheres poderiam evitar ser estupradas, caso não se vestissem como “vadias”. Essa afirmação se tornou grande exemplo de como a violência sexual é justificada pelo comportamento da vítima, e não do agressor, se tornando uma das principais bandeiras da manifestação. O movimento se disseminou rapidamente pela internet, ganhando cada vez mais força através das mídias e redes sociais. A Marcha acontece em várias cidades do mundo e tem como objetivos o fim do machismo, da violência sexual, culpabilização da vítima, bem como a autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Iniciada em Toronto, no ano de 2011, com o nome de *Slutwalk*, a manifestação ganhou o nome de Marcha das Vadias no Brasil e, Segundo Galetti (2014), já aconteceu em cerca de trinta cidades diferentes. Entre as cidades que foram palco da Marcha estão Curitiba¹³, Belo Horizonte¹⁴, São Paulo¹⁵ e Rio de Janeiro¹⁶, como visto na figura 9. A autora afirma que em Campinas, no estado de São Paulo, a Marcha ganhou grandes proporções devido ao alto índice de estupro no distrito de Barão Geraldo, onde está localizada a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em Recife a Marcha teve seu início em junho de 2011, sendo sua concentração na Praça do Derby, área central da cidade. A manifestação contou com cerca de 200 pessoas e percorreu a Avenida Conde da Boa Vista.¹⁷ Atualmente esta está em seu sétimo ano e ocorre no mês de maio.

Para Gomes e Sorj (2014) o corpo assume um papel indispensável para a Marcha, sendo ele ao mesmo tempo instrumento reivindicador de autonomia e “outdoor” do protesto. É através dele que as participantes se expressam escrevendo mensagens como “feminismo libertário”, “meu corpo não é um convite” e “puta livre”. Além disso, elas usam roupas sensuais, batons vermelhos e fazem topless com o objetivo de subverter e questionar regras de gênero. Esse corpo, para Galetti (2014) é um corpo ativo nas esferas pública e política, constituindo um “corpo político” (GALETTI, 2014, p. 2207). A figura 9 mostra uma das manifestantes que foi para a Marcha de Recife em 2017, sem blusa, com um short e fazendo

¹³ Informações retiradas do site <<http://www.bemparana.com.br/noticia/482147/primeira-marcha-das-vadias-de-2017-protesta-contra-feminicidio.-veja-video>> acesso em 22 de jun de 2017.

¹⁴ Informações retiradas do site <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/03/marcha-das-vadias-percorre-ruas-de-belo-horizonte-pelo-fim-da-cultura-do-estupro/>> acesso em 22 de jun 2017

¹⁵ Informações retiradas do site <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/marcha-vadias-2015-melhores-cartazes/>> acesso em 22 de jun 2017

¹⁶ Informações retiradas do site <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/gratis/mulheres-lutam-contra-cultura-do-estupro-na-marcha-das-vadias/>> acesso em 22 de jun de 2017

¹⁷ Informações retiradas do site <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2011/06/11/descontracao-na-marcha-da-vadia-do-recife-7113.php>> em 7 de setembro de 2016

uso do seu corpo para afirmar seus ideais.

Figura 9 - Mulher sem camisa na Marcha das Vadias - Recife 2017



Fonte: Disponível em

<<https://www.facebook.com/fotografianathaliaverony/photos/a.690407024480050.1073741842.595973760590044/690407177813368/?type=3&theater>> Acesso em 16 de junho de 2017.

O corpo está despido de roupa, porém coberto de tinta, identidade e signos. Svendsen (2010), afirma que o corpo nunca está neutro de significados, e que este é essencial para a compreensão da identidade. O corpo se cobre de definições sociais e “quanto mais significado é atribuído ao vestuário, mais significado terá a sua ausência visível” (SVENDSEN, 2010, p. 89). Dessa forma, essas mulheres causam um grande impacto durante a caminhada pois a roupa é posta como fator primordial à sociabilidade.

A roupa ganha papel de protagonista no contexto da Marcha das Vadias. Baggio (2014) afirma que este é um dos movimentos que se apropriou da roupa, e da ausência dela, para exigir respeito, repudiando o senso comum que culpabiliza a mulher pela violência que sofre. A autora utiliza a figura da saia para mostrar que o uso da mesma é vista pelos homens como um fator de disponibilidade e vulnerabilidade, sendo então importante símbolo de luta em movimentos ligados aos direitos femininos. Dessa forma, como visto na figura 10, o tamanho da saia vira “medidor” de caráter: quanto mais curta, a mulher quer “provocar”, é “vagabunda”, “puta”. E o mesmo acontece quando a saia é longa, tornando a mulher “santinha”, “frígida”.

Figura 10 - Exemplo de categorização da mulher através do tamanho da roupa



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/564161453675848/photos/pb.564161453675848.-2207520000.1433808044./808368429255148/?type=3&permPage=1>> Acesso em 06 de junho de 2017.

A imagem expõe a forma como a sociedade tende a categorizar as mulheres através do tamanho da sua vestimenta. Uma das participantes da Marcha das Vadias ocorrida em Recife, no ano de 2017, aponta o fato de que ninguém tem o direito de intervir no corpo do outro e que a falta de roupa “significa absolutamente nada em relação a minha personalidade ou ao meu caráter... é só corpo, como qualquer outro sabe? Masculino ou feminino” (Entrevistada B, historiadora, 27 anos).

Baggio (2014) explicita alguns momentos em que a mulher foi violentada por conta da roupa que estava vestindo, como o caso da Geisy Arruda, estudante de Turismo de uma universidade paulista, que foi hostilizada por alunos da instituição ao usar um vestido curto. Posteriormente, a estudante foi expulsa da faculdade com a alegação de que a mesma foi responsável por causar o tumulto¹⁸. Na Marcha das Vadias, algumas mulheres usam saia para reafirmar o posicionamento de que a roupa não é gatilho para violência, como apontado abaixo na figura 11, “o estupro veio antes da minissaia”.

¹⁸ Informações retiradas do site <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1370904-5598,00-UNIBAN+EXPULSA+ALUNA+VITIMA+DE+VIOLENCIA.html> no dia 10 de junho de 2017

Figura 11 - Mulheres contra a ideia de que a roupa é gatilho para violência



Fonte: Disponível em

<<https://www.facebook.com/fotografianathaliaverony/photos/a.690407024480050.1073741842.595973760590044/690408684479884/?type=3&theater>> Acesso em 10 de junho de 2017.

Dentre as principais reivindicações da Marcha está a libertação do corpo feminino, bem como o fim da objetificação deste, que pode ser visto na figura 12. Segundo Galetti (2014), o feminismo pretende quebrar com alguns costumes patriarcais enraizados culturalmente, dentre eles a inferiorização do corpo feminino, o “sexo frágil”. Isso só será possível quando o pensamento alimentado secularmente de que o corpo feminino é uma mercadoria, um objeto a ser desmedidamente apreciado e usufruído, for extinto. As consequências da objetificação desse corpo se expressam nas mais diversas formas de violência contra a mulher, desde as violências físicas até as simbólicas sofridas no dia a dia.

Figura 12 – Mulher na Marcha das Vadias contra a objetificação do corpo feminino



Fonte: Disponível em < <http://vejasp.abril.com.br/cidades/marcha-vadias-2015-melhores-cartazes/>> Acesso em 26 de junho de 2017.

Outro ponto explorado pela Marcha, ainda segundo Galetti (2014), é a forma como as instituições decidem pela mulher. Ela se constituiu como indivíduo sem autonomia sobre seu corpo porque o marido se constituía como detentor deste, estando acima dele o Estado e a Igreja. As decisões pertinentes à mulher não eram tomadas por elas, mas sim por essas instituições, que tinham o poder de decidir sobre a sexualidade, reprodução e contracepção feminina. Atualmente, a Marcha das Vadias defende a necessidade da mulher ter o poder de decidir sobre seu corpo e ter o “ventre livre”, como mostra a figura 13. Esta se posiciona a favor da descriminalização do aborto também como questão de saúde pública, já que as mulheres com melhor condição financeira conseguem realizar um aborto em clínicas clandestinas seguras, enquanto as que não podem pagar pelo procedimento seguro acabam morrendo ou ficando com sequelas graves¹⁹.

Figura 13 - Cartaz colado durante a Marcha das Vadias de Recife 2017



Fonte: Tirada pela pesquisadora em 27 de maio de 2017.

Um aspecto que chama atenção na Marcha das Vadias é a relação entre o corpo feminino e a cidade. Segundo Galetti (2014), foram negados à mulher, por muitos anos, os espaços públicos, apenas as prostitutas e “vadias” ocupavam esses lugares, devendo as outras se restringir a lugares privados se quisessem ser consideradas puras e “bem vistas”. Dessa forma, a Marcha causa um grande impacto nas cidades por se constituir como um movimento formado por mulheres, ocupando espaços até pouco tempo proibido a elas, para se afirmarem também pertencentes àquele território, como dito por uma participante da Marcha das Vadias de Recife, do ano de 2017, que expõe a importância da Marcha acontecer no Derby, área central da cidade:

¹⁹ Informações retiradas do site <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/marcha-das-vadias-pede-legalizacao-do-aborto-em-protesto-na-av-paulista.html> no dia 15 de junho de 2017

[...] A praça do Derby é historicamente um espaço de resistência, de luta. As manifestações históricas do estado, elas se concentram aqui... então é um simbolismo muito grande que as mulheres estejam ocupando esse espaço que politicamente é um espaço importante, mas que também é um espaço masculino onde a concentração nas manifestações na maioria das vezes são de homens e a gente olhar ao redor e ver uma concentração de mulheres nesse espaço é importantíssimo (Entrevistada B, 27 anos, historiadora).

Então, se constitui como subversão dos padrões binários de gênero o fato de milhares de mulheres ocuparem um território que é dominado predominantemente por homens, no centro da cidade, que segundo uma manifestante, se configura como o local da capital de Pernambuco “onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos” (Entrevistada E, 20 anos, artesã). Ademais, essas mulheres utilizam do corpo historicamente coberto e associado ao pecado, que ainda carregam resquícios desse pensamento, para enfatizarem a causa.

As idealizadoras da Marcha das Vadias afirmam que, no cotidiano, o termo “vadia” é usado para denominar mulheres que usam roupas curtas ou aquelas que se relacionam com quem e da forma que quiserem. Dessa forma, é entendido que a sociedade se apropriou do termo para julgar, oprimir e controlar a liberdade das mulheres, causando desconsideração e proibição de escolhas feitas por estas, além de justificar as violências por elas sofridas.²⁰ Assim, para o movimento da Marcha, o termo perde a conotação pejorativa, e “vadia” passa a significar mulher que é dona do seu corpo, suas vontades e escolhas.

Uma das chamadas da manifestação é “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”, transformando o significado da palavra como sinônimo de mulher que não aceita e não se cala diante das violências. Ser “vadia” nesse contexto é uma forma de empoderamento, como explica Galetti (2014):

Ressignificar o termo “vadia” segundo as militantes das Marchas, tornou-se um ato político, pois as intituladas vadias arriscam-se a sair nas ruas vestindo de certo modo a exercer livremente a sexualidade, questionam o “temor” internalizado ao espaço público que se impõe aos seus corpos, utilizando-os como lugar político, como ferramenta de manifestação de regras e hierarquias sociais. Nas Marchas, as intituladas “vadias” invadem as ruas com roupas curtas, de lingerie, meias arrastão, peitos nus, com frases escritas em seus corpos que questionam o patriarcado como: meu corpo, minhas regras; sou minha só minha e não de quem quiser, dentre outras (GALETTI, 2014, P. 2206).

Estar no espaço coletivo com roupas que não são julgadas “adequadas” para as mulheres, é um ato político. Para as manifestantes que estavam na Marcha de Recife em 2017, a roupa também pode funcionar como elemento de empoderamento. Segundo uma das

²⁰ Informações retiradas do site <https://br.eventbu.com/recife/marcha-das-vadias-recife-ano-7/2834698> no dia 9 de junho de 2017

mulheres abordadas na referida Marcha, isso pode ser visto “a partir do momento que a gente não usa mais um sutiã, e a gente anda com o mamilo à mostra... é uma coragem, você se dispor a fazer isso é uma coragem... porque a gente sabe que isso gera todo um ‘auê’ onde quer que você esteja” (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

Não usar sutiã é visto como uma maneira de subverter regras sociais e se impor contra o machismo. Ainda segundo uma das mulheres presentes na Marcha de Recife em 2017, ao ter conhecimento da causa, usar a roupa que quer, que se sente bem, não se baseando nos padrões que instruem as regras de etiqueta da moda, bem como não aceitar calada os assédios recebidos na rua e buscar uma maneira de lutar contra isso, é uma forma se empoderar e não se calar diante das violências. Como outra manifestante, também presente na Marcha de Recife 2017 aponta abaixo, qualquer instrumento de luta é válido.

Todos os instrumentos possíveis a mulher ta usando pra luta... então o corpo, a forma como se vestir num deixa de ser [empoderamento].... Seja com frases em camisa, seja vindo pra Marcha e transgredindo isso de ter que ta com uma X roupa então acaba sendo também um instrumento de luta (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

O empoderamento se constitui, então, como maior instrumento de luta delas. Segundo Sardenberg (2006) existem divergências quanto ao significado da palavra. Para alguns órgãos, ele se constitui como um dispositivo para o desenvolvimento dos países e o fim da pobreza. Já para as feministas, empoderamento está relacionado à liberdade das opressões de gênero e o questionamento do patriarcado, que sustenta essas opressões, bem como ao processo de conquista da autonomia e auto-determinação da mulher, objetivando acabar com o patriarcado para que as mulheres possam ter controle sobre seus corpos e suas vidas.

Cortez e Souza (2008) complementam que empoderamento parte de reconhecer as restrições a qual as mulheres foram submetidas durante os anos e entender que se torna necessário e indispensável a mudança desse cenário, tanto no âmbito coletivo, quanto no individual. Como exemplo dessas mudanças na esfera pública temos: a inserção de mulheres em altos cargos de poder, o fim da educação sexista nas escolas e nas famílias, e serviços de saúde preparados para receber as mulheres. Na esfera individual se faz necessário o aumento da autonomia feminina e a reconfiguração da estrutura familiar, que se constitui como um dos grandes desafios, como aponta Sardenberg (2006):

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (SARDENBERG, 2006, p. 7).

Dessa forma, a Marcha das Vadias se constitui como um movimento feminista que usa do empoderamento feminino para lutar pela mudança das estruturas sociais vigentes, bem como busca o fim dos privilégios masculinos que foram concedidos pelo patriarcado.

6 MARCHA DAS VADIAS DE RECIFE: ROUPA, CORPO E EXPRESSÃO IDENTITÁRIA.

O presente artigo tem como objetivo entender o papel da roupa como objeto de empoderamento e identidade para as participantes da Marcha das Vadias de Recife. Sendo assim, a coleta de dados se deu na Marcha de 2017 na cidade de Recife. Na referida data foi realizada observação participante, bem como entrevistas semiestruturadas.

Tendo como tema “Feminismo é Revolução”, a Marcha das Vadias de Recife 2017 protestava contra o feminicídio, o racismo e a retirada dos direitos dos trabalhadores. A concentração ocorreu a partir das treze horas, na Praça do Derby, onde houve pintura de corpo, ato-protesto e confecção de cartazes, como visto na figura 14:

Figura 14 - Cartazes sendo confeccionados na Marcha das Vadias de Recife 2017



Fonte: Tirada pela pesquisadora em 27 de maio de 2017.

O primeiro ato aconteceu na concentração, e abordava o racismo como tema principal. A artista Perlla Rannielly²¹, mulher transexual negra, falava sobre escravidão e apontava a diminuição do seu valor pela sua cor. Ela era prostituta e seus serviços valiam menos por ela ser negra. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantado por Elza Soares, tocava ao fundo em um carrinho de som improvisado, até que a performista usou tinta branca para se “embranquecer”, como mostra a figura 15, e agora, metaforicamente, por ser branca, “valia” mais, seus serviços seriam mais caros.

²¹ Informações retiradas do site <http://www.leijaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/> em 7 de junho de 2017

Figura 15 – Ato-protesto na Marcha das Vadias de Recife 2017



Fonte: Disponível em <<http://www.leiaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/>> Acesso em 25 de junho de 2017.

Além dessa performance, as mulheres leram em uníssono a carta protesto especificando os motivos da Marcha, como mostra a figura 16. Entre alguns motivos estão: pelo fim do feminicídio; pela igualdade salarial entre homens e mulheres; pela situação das mulheres encarceradas; pelo fim do governo de Michel Temer; pela descriminalização do aborto; contra a violência obstétrica; contra a violência doméstica; pelas mulheres assassinadas por serem mulheres; pelas mulheres negras; pela equidade de gênero; pelas mulheres transexuais e travestis que enfrentam a falta de emprego e o alto índice de assassinatos; pelo fim da objetificação e sexualização das mulheres.

Figura 16 – Mulheres lendo carta-protesto



Fonte: Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/05/27/marcha-das-vadias-levanta-bandeira-contra-feminicidio-em-ato-no-recife-286322.php>> Acesso em 25 de junho de 2017.

Conforme já mencionado, a Marcha saiu às quinze e cinquenta da praça do Derby e caminhou pela Avenida Conde da Boa Vista, importante avenida do centro da cidade de Recife. Durante a caminhada, uma das organizadoras possuía um megafone e puxava as palavras de efeito, sendo seguida pelo batuque do maracatu e pelos outros participantes. Gritos de ordem eram entoadas como “Feminismo é revolução”, tema central da Marcha de

2017, “ai ai ai ai se balançar o Temer cai”, que protesta contra o atual presidente do Brasil e pediam por “diretas já”. Também foi ressoado “eu vou por nós, pelas outras, por mim”, “as gay, as bi, as trans e as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução”, “se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser”, “faço o que quiser não mereço ser estuprada”, “vem pra rua contra o machismo” e “os homens vão pra cozinha rebolando até o chão, criancinha libertária quer saúde e educação, vem mulher com a mão pro alto pra fazer revolução” e “as mina que é chapa quente não aceita submissão”. Essas frases usadas na manifestação questionam o patriarcado, os padrões de hierarquia familiar e convidam outras pessoas a se juntar a causa.

Entre os dizeres colocados nos cartazes confeccionados pelas participantes da Marcha estavam “o estupro veio antes da minissaia”, “porque minha liberdade te ofende?”, “não + feminicídio”, “não é crime passional, é feminicídio” e “vadia livre”, que falam sobre a liberdade feminina e apontam o combate ao assassinato de mulheres, como visto na figura 17 abaixo.

Figura 17 - Mulheres carregando cartazes na Marcha das Vadias de Recife 2017



Fonte: Retirado da

<<https://www.facebook.com/fotografianathaliaverony/photos/a.690407024480050.1073741842.595973760590044/690407717813314/?type=3&theater>> Acesso em 11 de junho de 2017.

Para entender a Marcha e o papel que a roupa desempenha nela, foram entrevistadas nove mulheres que estavam presentes na manifestação, mantendo o anonimato das mesmas. Elas foram escolhidas a partir da amostragem por conveniência, que para Carmo e Ferreira (2008), utiliza indivíduos disponíveis ou que se voluntariaram no momento a participar da pesquisa.

O roteiro de entrevistas é composto por nove perguntas, sendo as duas primeiras voltadas para traçar o perfil das entrevistadas. As perguntas seguintes objetivam saber da relação dessas mulheres com a roupa; os motivos que as levaram a frequentar a Marcha; o significado do uso de roupa curta na Marcha; e se/de que forma a roupa feminina pode

expressar opressão e/ou empoderamento.

As respostas das duas primeiras perguntas mostraram que as entrevistadas tinham entre vinte e trinta e dois anos e as profissões eram as mais variadas, entre elas artesã, designer, historiadora, estudante de enfermagem, pedagoga e assistente social. Na Marcha de Recife podia se observar que, apesar da presença de mulheres com menos de vinte anos e com mais de quarenta, a maioria das manifestantes se concentravam na faixa etária das entrevistadas.

Ao serem questionadas sobre os seus motivos para frequentarem a Marcha, a maioria das entrevistadas afirmou que participam por se reconhecerem como feministas e por este se constituir como um espaço para debater e discutir sobre empoderamento, servindo até como uma ponte de introdução delas no movimento feminista e de expandir as pautas discutidas para outras mulheres que não conhecem a luta, como visto abaixo:

(...) Faz quatro anos da primeira vez que eu vim pra Marcha, e a primeira vez que eu vim pra Marcha foi por uma questão de me reconhecer enquanto feminista e de estar num espaço onde há mulheres que estão com o mesmo intuito... e hoje eu venho pra Marcha porque eu sei que ela representa, ela é uma ação muito importante pro Recife, ela agrega uma diversidade de mulheres... hoje ela agrega uma diversidade de mulheres muito legal e a gente tem uma comunicação... isso aqui é uma comunicação... isso aqui é um momento em que a gente vai encontrar outras mulheres e a gente vai se reconhecer e onde a gente vai se expressar e onde a gente fica livre, e por isso que eu venho pra Marcha (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

Na construção da sociedade ocidental, segundo Crane (2006), a mulher foi posta como subalterna. A afirmação da sua inferioridade intelectual, física e moral era amplamente difundida e atestada por intelectuais conceituados, sendo tarefa delas se dedicar ao casamento e à família, se constituindo como figura doméstica. Sendo assim, as mulheres buscam frequentar Marcha com o intuito de lutar contra esse pensamento que estruturou toda uma cultura, edificando bases para a liberdade feminina.

Importante apontamento presente na fala das entrevistadas é de como elas se sentem reprimidas cotidianamente e por isso, estar na Marcha sem blusa, significa um grito de liberdade. As participantes afirmam que tirar a roupa nesse espaço é se apropriar do seu corpo e o fato deste estar exposto afirma apenas seu poder sobre ele, podendo ser usado da maneira que preferir. O corpo não é visto com fetiche ou erotismo, sendo assim, a Marcha é o momento em que elas podem ser tão livres que podem ir sem roupa, se assim desejarem.

Segundo Del Priore (2013, P. 28), a mulher do século XVIII no Brasil tinha que seguir inúmeras regras sociais, onde tudo era controlado, desde a roupa até as companhias, tendo elas a função de “servir e obedecer como fazem as boas, virtuosas e bem procedidas mulheres”. A pressão social que recaía sobre as mulheres daquela época ainda apresenta

resquícios atualmente. Dessa forma, as entrevistadas afirmam que a Marcha se constitui como um espaço seguro em que elas podem exercer sua liberdade, se identificarem e serem acolhidas por outras mulheres, como exposto pela entrevistada I:

Esse é meu segundo ano, eu comecei a vir por conta da minha esposa e eu também tinha um certo preconceito pelo feminismo e pela Marcha das Vadias. Então assim... foi algo que tudo o que a sociedade cobra da gente ser mulher a Marcha é como se fosse a libertação, aquilo que a gente crê hoje eu tô afirmando isso... agregar pessoas, trazer ideias pra isso (Entrevistada I, 22 anos, Cuidadora de idosos).

O Sistema Único de Saúde (SUS), no ano de 2011, atendeu mais de 70 mil mulheres vítimas de violência²², se constituindo como uma das reivindicações da Marcha das Vadias modificar esse cenário. Uma das entrevistadas aponta que no ano anterior não compareceu à Marcha porque o homem o qual morava com ela a proibiu, reforçando a sua necessidade de estar nesse espaço: “É o segundo ano que eu venho...tipo, ano passado eu não vim porque o menino que eu morava com ele, ele não deixou eu vir... e ele me batia todo dia, era uma coisa muito... Ai isso significa muito pra mim vir aqui... tá aqui de novo” (Entrevistada A, 21 anos, estudante de Letras).

A Marcha das Vadias é conhecida por ser uma manifestação em que as mulheres, em sua grande maioria, vão com pouca roupa e mostram seu corpo. Para Gomes e Sorj (2014) isso se dá, porque, historicamente, a Marcha teve início a partir da reação das pessoas de culpabilizar a mulher pela violência que ela sofria, em especial pela roupa que estas estavam usando. Uma das entrevistadas aponta que a vestimenta não tem influência no assédio que as mulheres sofrem:

Eu percebo [o assédio], todos os dias que a gente sai... na verdade a roupa, ela influencia mas também não influencia, porque não adianta... não importa a roupa que você tá... de saia ou de burca você vai ser assediada na rua então eu avalio isso quando eu to caminhando em qualquer espaço qualquer rua, no centro da cidade, principalmente no centro da cidade, que é onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

Para Del Priore (2013), a igreja católica era uma das instituições que estimulava a dominação do homem em relação à mulher. Na hierarquia construída socialmente em que ele se constitui como figura detentora de poder, inclusive sobre o corpo feminino, os assédios são comuns no cotidiano delas²³. Dessa forma, como explicita a entrevistada E, a roupa não se constitui como fator determinante para a violência sofrida por elas.

Foi perguntado às manifestantes se existe uma roupa específica para ir a Marcha. As

²² Informações retiradas do site <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#dados-nacionais> no dia 16 de junho de 2017

²³ Informações retiradas do site <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/assedio-por-que-as-explicacoes-faceis-nao-satisfazem-8421.html> no dia 17 de junho de 2017

respostas foram unânimes em dizer que não, e que, na verdade, é procurado proporcionar um ambiente confortável para que as mulheres se vistam como quiserem, como aponta uma voluntária “não tem roupa específica, a gente tenta ao máximo que o ambiente da Marcha seja um ambiente que as mulheres se sintam confortáveis para virem como quiserem, se quiser vir de burca, se quiser vir de blusa e shortinho, se quiser tirar a blusa, elas tão a vontade” (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Para Lipovetsky (2009), a moda se constitui como um sistema de regulação e pressão social, pois esta apresenta mudanças constantes que são acompanhadas pelo “dever” de serem seguidas pelos sujeitos, para que haja assimilação com o meio social. Essas mulheres, a partir das respostas, afirmando que buscam conforto na hora de se vestir, mais do que estarem inseridas na lógica da moda, acabam por questionar a padronização e imitação da moda.

Quando questionadas sobre o significado de estarem sem roupa, elas argumentam que estar ou não com determinada roupa no ambiente da Marcha (ou fora dela), não significa um convite para alguém tocá-la, independente do que ela está vestindo, pois “o corpo é meu então você não pode tocar” (Entrevistada D, 32 anos, pedagoga).

Esse ato de tirar a roupa e dizer que ninguém pode tocar o seu corpo, mesmo que ele esteja “à mostra”, é uma forma de a mulher usa-lo como elemento de empoderamento e questionar as opressões de gênero e o patriarcado (Sardenberg, 2006, p.7). Outra entrevistada, que estava vestida de short e sutiã, também aponta essa realidade:

O fato de estar sem roupa ou com roupa nesse espaço, ele não quer dizer nada. Porque aqui como em qualquer outro lugar a gente tem que usar o que se sente à vontade e bem... esse espaço aqui que as mulheres que optam por mostrar mais o corpo é também um grito de libertação de mostrar de que no dia a dia a gente já é tão reprimida, e esse espaço aqui ainda é um espaço seguro pra gente colocar a pauta do corpo e das vestimentas em discussão... Porque o que a gente vê é que as pautas feministas vão além da discussão sobre a roupa, só que a discussão da roupa é uma discussão sobre o corpo, sobre o que se fazer com o seu corpo, sobre o que se tem direito de fazer com ele e qual é a intervenção que a sociedade deve ter nisso... que no caso não deve ser nenhuma (Entrevistada B, 27 anos, historiadora).

Como exposto acima, a manifestante afirma que a discussão sobre o corpo é uma discussão sobre a roupa. Svendsen (2010) fundamenta que isso se dá porque a roupa é uma continuação do corpo, sendo também o objeto mais próximo a ele. Crane (2006) também aponta que a roupa pode ser utilizada para subverter fronteiras simbólicas. Nesse contexto, a roupa é capaz de expressar essa subversão, pois, a pouca roupa ou falta de roupa vai contra a expectativa da sociedade em relação ao comportamento da mulher no espaço público.

Segundo as entrevistadas, tirar a blusa e mostrar o corpo é um protesto radical, porém é uma forma necessária de enfrentar o machismo e o sexismo na rua. Para a entrevistada C, a mulher é tolhida de vestir a roupa que quiser nos espaços públicos, pois um short ou um batom vermelho já são pretextos para o assédio na rua. Ter o espaço da Marcha para vestir o que quiser, e até mostrar seu corpo, é uma forma de “dar um basta na sociedade sexista e dizer que a gente faz do corpo o que realmente quer” (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Svendsen (2010, p. 88) afirma que procura-se transmitir identidades através do corpo. As roupas são capazes de dar uma expressão diferente a este, de forma que estar nu não significa estar despido de significado, pois “a nudez só diz alguma coisa quando em diálogo com roupas”. Dessa forma, o protesto a partir da falta de roupa não expressaria seu real significado se a sociedade fosse construída através de bases em que a roupa não se configurasse como elemento essencial.

Desse modo, a roupa e o corpo se constituem como elementos essenciais para a Marcha das Vadias de Recife, se integrando como um símbolo de identidade para o movimento e empoderamento para as mulheres inseridas nesse contexto.

CONCLUSÃO

O papel social da mulher ocidental se configurou, ao longo da história, com ênfase no espaço doméstico. Na divisão das tarefas, o homem se apropriou dos espaços públicos, enquanto esta ficou restrita aos espaços privados, devendo se dedicar ao casamento e gerar herdeiros legítimos.

Com o fim do estilo de vida feudal e o surgimento da burguesia, uma série de transformações culturais ocorreu na sociedade, sendo uma delas o acesso a lazer não apenas para quem fosse nobre, mas para qualquer um que disponibilizasse de dinheiro para pagar por isso. O consumo então virou importante construtor de identidade, sendo a roupa, objeto de fácil acesso, grande visibilidade e rápida troca, um dos elementos mais marcantes da identidade do indivíduo.

A vestimenta é usada como forma de expressão dos sujeitos e mudada a partir do contexto em que estes estão inseridos. A exemplo disso temos a forma como a nobreza utilizava da vestimenta para se diferenciar da burguesia, bem como imigrantes que despem das suas roupas para adotar outras correspondentes ao novo lugar de moradia.

Nos séculos passados, prestígio para as mulheres só era conseguido através do casamento, e para isso elas precisavam se dedicar às prendas domésticas, bem como seguir uma série de regras de etiqueta. As mulheres também precisavam se manter sempre bonitas, servindo de manequim a ser apreciado, expondo a riqueza do marido. Ao viverem rodeadas de regras, elas tinham sua liberdade tolhida. As vestimentas femininas do século XIX também se constituíam como objetos que limitavam a liberdade delas. O uso de espartilho, anágua e todos os adornos que compunham as vestes, dificultavam a locomoção desta, bem como a respiração, sendo comum que muitas mulheres tivessem desmaios frequentes.

Dessa forma, as mulheres que eram subjugadas, tidas como manequins a serem apreciados, reservadas ao domínio privado, sem poder político e social e desfrutando do ócio, usavam da roupa como símbolo de comunicação não verbal para se expressarem e construírem suas identidades. Restava à figura feminina se manifestar através da vestimenta, modificando seu corpo, o cabelo, afinando a cintura exageradamente, aumentando os quadris e usando dos elementos que estavam ao seu alcance em busca da sua individualidade.

A realidade da mulher foi se modificando aos poucos, principalmente com o advento do feminismo e das guerras, que a levaram efetivamente ao mercado de trabalho. O movimento feminista surgiu em 1960 a partir da necessidade de dar visibilidade a essa mulher que por tantos anos foi silenciada e oprimida. O movimento também luta pela liberdade dos

corpos femininos e para que esta tenha poder de decisão sobre ele. Nesse contexto, as roupas diminuíram, o sutiã se popularizou e surgiu a minissaia - o corpo antes coberto por inúmeros tecidos, agora era exposto.

O corpo exposto, na verdade, se vestiu de padrões de beleza impostos pela mídia: é preciso estar depilado, malhado, bronzado. A moda dos anos de 1980 trouxe o advento do corpo magro, medido pelo índice de massa corporal, conseguido através de cirurgias plásticas ou pelas dietas propagadas nas revistas. A mulher que aos poucos conseguia se libertar da opressão patriarcal caiu na armadilha da opressão midiática.

Tendo como bandeira principal a apropriação do corpo pela mulher e colocando-o como elemento de luta, emerge em 2011 a Marcha das Vadias. Esse movimento surgiu no Canadá, em resposta à ideia de que as mulheres são culpadas pelo assédio que sofrem, fazendo com que elas se afirmem como vadias, se isso significa que elas podem ser livres. Na manifestação são usadas roupas consideradas “provocantes”, e algumas mulheres tiram a roupa, como forma de questionar as opressões de gênero. Partindo do empoderamento, que se constitui como uma forma de contestar o patriarcado, as pautas feministas são reacendidas.

Este trabalho tratou da observação da Marcha das Vadias que aconteceu em Recife no ano de 2017, onde foi possível concluir que as mulheres se utilizam de diversas ferramentas para se empoderar. Para a mulher que se constituiu como figura privada e teve seu corpo historicamente coberto e velado, agora estar ocupando as ruas da cidade, utilizando cartazes, tinta e a voz para questionar o patriarcado, é um ato de empoderamento. A falta de roupa no contexto da Marcha só possui uma expressão significativa porque a vestimenta possui um lugar significativo na sociedade, fazendo com que isso se constitua como um elemento de identidade para as frequentadoras.

Este estudo buscou aproximar os debates sobre feminismo à moda, articulando sobre consumo, vestuário, mídia e o papel da mulher na sociedade contemporânea. Pretende-se levar a discussão adiante por meio acadêmico, de forma a aprofundar debates sobre a articulação entre corpo, vestuário e violência de gênero. Considerando que a Marcha das Vadias se iniciou a partir do discurso que culpabiliza as mulheres pelo assédio que sofrem, sendo este justificado pelas roupas que usam, faz-se necessário identificar e contrapor as expectativas sociais em relação à vestimenta feminina.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Castilho; LEORATTO, Daniele. **Alterações da silhueta feminina: a influência da moda.** Revista Brasileira Ciência Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 717 - 739, set 2013
- ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega; MENESES, Joedna Reis de. **Histórias do Corpo e do Feminino no Brasil do Tempo Presente.** In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300676386_ARQUIVO_corpoeofeminino.pdf>. Acesso em: 16 abril 2017.
- BAGGIO, A. T. **Saia ou calça?** Construção publicitária de papéis sociais femininos por meio da roupa. In: COLÓQUIO DE MODA, 10, 2014, Caxias do Sul. **Anais Colóquio de Moda**, Caxias do Sul, UCS, 2014. p.1 a 10
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). **Cultura Consumo e Identidade.** Rio de Janeiro: Fgv, 2006
- BAUMAN, Zygmund; VECHI, Benedetto. **Identidade: entrevista a benedetto Vecchi.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEUREN, Ilse Maria (Org.). Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: Teoria e pratica.** 3. Ed. Florianópolis: Atlas, 2006. Cap. 3. P. 71-97
- BLAY, Eva Alterman. **8 de março: conquistas e controvérsias.** Revista Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 601-608, 2001
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade.** Revista Mal-Estar Subjetivo, Fortaleza, Ano 7, n. 2, Setembro/2007
- BOUCHER, François. **A História do Vestuário no Ocidente.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BUENO, Maria Lucia Camargo; LIMA, Luis Otavio de. **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade.** São Paulo: Senac, 2008.
- BUTLER, Judith. **Undoing Gender.** New York: Routledge, 2006
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of Identity.** New York: Routledge, 1990.
- CAMPENHOUDT, Raymond Quivy Lucvan. **Manual de Investigação de Ciências Sociais.** 5 ed. Lisboa: Trajectos, 2008
- CARMO, Hermano Duarte de Almeida e; FERREIRA Manuela Malheiro. **Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem.** 2 ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008
- CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Espírito Santo, v. 24, n. 2, p.171-180, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05>>. Acesso em: 21 mai. 2017.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas.** São Paulo: Editora Senac, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013

EMBACHER, Airton. **Moda e Identidade: A construção de um estilo próprio**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

FERREIRA, Carla Moura; ARAGÃO, Camila Maria Albuquerque. **A expressão social da roupa como estímulo a violência contra a mulher**. Revista Moda documenta: Museu, Memória e Design, Ano 2, n.1, maio/2015

FRASER, Marcia Tourinho Dantas.; GONDIN, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. *Pidéia*, A, v. 14, n. 28, p.139-152, jan. 2004.

GALETTI, Camila Carolina H.. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. Recife: 18º Redor, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 20 mai. 2017

GODOY, Arlinda Schidt. Revista de Administração de Empresas. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. 1995. Professora do Departamento de Educação da UNESP. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf> >. Acesso em: 05 out. 2016.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil: A Marcha das vadias: continuidades e mudanças no feminismo**. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2016.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

MASSAROTTO, Ludmila Prado. **Moda e identidade: o consumo simbólico do vestuário**. In: COLÓQUIO DE MODA, 4, 2008, Nova Humburgo. Disponível em: < http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/39705.pdf > Acesso em: 01 mai. 2017.

MILAN, Betty. O amor tem um pavio apagador. **Mulher**: Revista Veja , Rio de Janeiro, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.bettymilan.com.br/o-amor-tem-um-pavio-apagador/>>. Acesso em: 11 abr. 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petropolis: Vozes, 2001.

ORSI, Vivian; CARMO, Leonardo. **Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX**. 2015. Disponível em: <http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/04-Sessao-Tematica-Historia-da-Indumentaria-e-da-Moda/Vivian-Orsi_Leonardo-Carmo_ModaDocumenta2015_O-lexico-e-a-moda.pdf>. Acesso em 28 jun 2017.

PONTES, Maria Helena. **Moda, Imagem e Identidade**. 2013. 15 f. Monografia (Especialização) - Curso de Design de Moda, Universidade Fumec, Belo Horizonte, 2013

ROCHA, Marina Helena da Silva. **De 1960 a 2009: A evolução dos padrões corporais a partir das tendências de moda**: Um estudo de Claudia e Nova. 2011. 148 f. Monografia (Especialização) – Curso de Comunicação, Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2011

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de Identidade**: Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel S. (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. 5. ed. Campinas, Sp: Papirus, 1997. Cap. 2. p. 19-24.

SARDENBERG, Cecília M. B.. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO, 1., 2006, Salvador.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas – A moda do século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e comunicação**: A indumentária como forma de expressão. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2 sem. 2005.

SVENDSEN, Lars. **Moda uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

VELOSO, Ana Maria da Conceição; VASCONCELOS, Fabíola Mendonça de; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira; JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Mulher, mídia e direitos humanos: a cobertura da Marcha das Vadias nos portais de notícia pernambucanos entre 2011 e 2015**. In: ROCHA, Marco Antônio Monte (Org.). **Direitos Humanos Sociedade e Política**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2016. p. 153-171. (Outros Olhares).

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na Reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2009.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**ROTEIRO DE ENTREVISTA****A - PERFIL DO ENTREVISTADO**

1 Idade:

2 Profissão:

B – QUESTÕES ABERTAS REFERENTES AO CONTEÚDO

1 Que critérios você usa para escolher as roupas para se vestir?

2 Por que você vem pra Marcha das Vadias?

3 Você acha que existe uma roupa específica para vir pra Marcha?

4 Qual o significado da falta de roupa ou da pouca roupa pra você?

5 Você acha que a vestimenta feminina é capaz de expressar opressão? E empoderamento?

6 De que forma a roupa expressa opressão ou empoderamento?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O papel identitário da roupa para o empoderamento das participantes da Marcha das Vadias em Recife-PE

Eu, Anna Odara de Araujo Tavares, aluna do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, venho solicitar a - _____ a autorização para o uso dos dados fornecidos em entrevista presencial, assim como o uso de imagens para enriquecer a pesquisa monográfica “O papel identitário da roupa para o empoderamento das participantes da Marcha das Vadias em Recife-PE”. A monografia tem como intuito entender a relação entre a participante da Marcha com a roupa e de que forma esta funciona como objeto identitário e de empoderamento, além de fomentar as discussões sobre feminismo. Todos os dados e imagens serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e o anonimato das participantes será preservado.

Recife, 27 de maio de 2017.

Nome do Pesquisador

Nome do Concessor